



INSTITUTO SUPERIOR
Manuel Teixeira Gomes

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura

LOTA | creative Factory

Incubadora de Indústrias Criativas

Reabilitação da antiga Lota de Portimão

João Rego_nº 21104661

Orientação Científica: Professor Doutor Luís Conceição

Junho 2017

JOÃO MIGUEL NUNES REGO

**LOTA | CREATIVE FACTORY - INCUBADORA DE
INDÚSTRIAS CRIATIVAS: REABILITAÇÃO DA ANTIGA
LOTA DE PORTIMÃO.**

Dissertação defendida em provas públicas no Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, no dia 28/07/2017 perante o júri nomeado pelo Despacho de Nomeação nº. 07/2017, com a seguinte composição:

Presidente:

Prof.^a Doutora Sandra Morgado Neto
(Professora Auxiliar, ISMAT)

Arguente:

Prof.^a Doutora Ana Cristina Santos Bordalo
(Professora Auxiliar, ISMAT)

Orientador:

Prof. Doutor Luís Filipe Pires Conceição
(Professor Catedrático Convidado, ISMAT)

Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes

Portimão

2017

Agradecimentos

“ninguém é, antes de o ser”
autor desconhecido

ao Professor Doutor Luís Conceição, pela orientação, motivação, confiança e constante sentido de humor que aligeirou todo o processo de aprendizagem.

a todos os docentes do ISMAT, sem exceção, pelos ensinamentos transmitidos ao longo deste desafio académico os quais me tornaram maior.

aos meus pais, por terem fingido não acreditar.

à minha irmã, por me ter incentivado a nunca deixar de dançar, mesmo quando a tempestade insistia em ficar.

ao meu cunhado, por contra-argumentar, sempre.

à Cristina, pelo empurrão final.

a todos, muito Obrigado !

aos meus filhos, Diogo e Matilde.

Resumo

Nas últimas décadas fomos assistindo a um paradigma de desenvolvimento urbano que, por diversos motivos, desprezou fortemente os centros históricos das cidades, levando ao abandono e desertificação dos mesmos.

Neste contexto, e uma vez que o Centro Histórico de Portimão não é excepção a esta realidade, o presente trabalho tem como objecto desenvolver a ideia de que um novo uso, na readaptação de um edifício devoluto às necessidades contemporâneas, vai permitir uma regeneração não só do próprio edifício como também da área envolvente onde este se insere.

Assim, elegendo a cultura como "uso" potenciador, estratégico à regeneração pretendida, é proposto para o edifício da Antiga Lota de Portimão a criação de uma incubadora de indústrias criativas, pequenas "startups", que encontrarão neste espaço a sua primeira casa e simultaneamente a sua rampa de lançamento e de apresentação à sociedade e a todos os potenciais consumidores.

Palavras Chave:

Regeneração urbana, Centro Histórico de Portimão, património arquitectónico, antiga loja, novos usos, fábrica de indústrias culturais e criativas, dinamização social.

Abstract / Resume

In the last decades we have witnessed a paradigm of urban development that, for many different reasons, has strongly despised the historical centers of the cities, leading to the abandonment and desertification of them.

In this context, and because the historic center of Portimão is no exception to this reality, the present work has as its object to develop the idea of new uses as a form of urban regeneration in which the readaptation of a building to the contemporary necessities will propose a urban regeneration, not only of the building itself but also of the surrounding area where it is inserted.

In this way, choosing the culture as a strategy for the regeneration, it is proposed for the building of the Old Lota of Portimão the creation of an incubator of creative industries, small "startups", that will find in this space its first house and simultaneously a privileged local to its presentation to society and to all potential clients.

Keywords :

Urban regeneration, Historic Center of Portimão, architectural heritage, old Lota, new uses, factory of cultural and creative industries, social dynamization.

Índice

Agradecimentos	2
Resumo	4
Abstract	6
Índice de figuras	10
Introdução	17

CAPÍTULO I: A CIDADE DE PORTIMÃO

1.1 Enquadramento Demográfico	21
1.2 Resumo Histórico e Evolução Urbana	22
1.3 Centro Histórico	27

CAPÍTULO II: ENQUADRAMENTO TEMÁTICO

2.1 Reabilitação Urbana e conceitos inerentes	33
2.2 A relevância do Uso na conservação arquitectónica	38
2.3 Industrias Criativas. O que são?	42
2.4 Incubadoras de Indústrias Criativas Definição e valências	44

CAPÍTULO III: ESTADO DA ARTE | ESTUDO DE CASOS

3.1 GNRation, em Braga	47
3.2 Fábrica de Santo Thyrso, em Santo Tirso	50
3.3 LX Factory, em Lisboa	53

CAPÍTULO IV: PROPOSTA

4.1 Antiga Lota de Portimão: História e caracterização do edifício	57
4.2 Descrição da proposta	64
4.3 Intervenção na envolvente	73
4.4 Sistema construtivo e materiais	80

CAPÍTULO V: CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 Conclusão	83
5.2 Bibliografia	84

ANEXOS

Anexo I - Levantamento fotográfico (realizado pelo autor)

Anexo II - Desenhos Técnicos

Anexo III - Fotografias da maquete de estudo

Índice de figuras:

figura 1 | "Centro Histórico e antiga Lota de Portimão" – p. 19

Fonte: *Do autor, com base no Google Earth*

figura 2 e 3 | "Localização do Concelho de Portimão" – p. 21

Fonte: <https://issuu.com/fabioguimaraes/docs/binder1> [consult. em Junho.2016]

figura 4 | "Implantação da primeira povoação (Séc.XV)" – p. 22

Fonte: *Museu de Portimão*

figura 5 | "Implantação com muralha (Séc.XVI)" – p. 22

Fonte: *Museu de Portimão*

figura 6 | " Corte longitudinal da Vila, com muralha" – p. 23

Fonte: <https://issuu.com/fabioguimaraes/docs/binder1> [consult. em Julho.2016]

figura 7 | "Expansão para o exterior da muralha (Séc. XVII) " – p. 24

Fonte: *Museu de Portimão*

figura 8 | "Ponte rodoviária " – p. 24

Fonte: <http://adefesadefaro.blogspot.pt/2010/08/portimao-grande-obra-continua.html#/2010/08/portimao-grande-obra-continua.html> [consult. em Julho.2016]

figura 9 | "Ponte ferroviária" – p. 24

Fonte: <http://www.sulinformacao.pt/2012/07/o-comboio-chegou-a-lagos-ha-90-anos-as-dificuldades-da-construcao-do-ramal/> [consult. em Julho.2016]

figura 10 | "Antiga fábrica Feu Hermanos" – p. 25

Fonte: *Museu de Portimão*

figura 11 | "Descarga do peixe" – p. 25

Fonte: <https://pt-pt.facebook.com/portimaoantigo/> [consult. em Agosto.2016]

figura 12 | "Operárias enlatando" – p. 25

Fonte: *Museu de Portimão*

figura 13 | "Localização das principais Fábricas de Conserva" – p. 25

Fonte: *Do autor, com base na planta disponível em: Ventura, Maria G. M. e Marques, Maria G. M. Cidades e Vilas de Portugal - Portimão. Editorial Presença, 1993*

figura 14 | " | Maior expansão da cidade de Portimão (1990)" – p. 26

Fonte: *Museu de Portimão*

figura 15 | "Centro Histórico de Portimão e delimitação da muralha quatrocentista" – p. 27

Fonte: *Câmara Municipal de Portimão, Divisão de Regeneração Urbana*

figura 16 | "Centro Histórico de Portimão. Cheios e vazios "mapa de Noli" – p. 27

Fonte: <https://issuu.com/fabioguimaraes/docs/binder1> [consult. em Agosto.2016]

figura 17 | "Localização do Centro Histórico e Antiga Lota de Portimão" – p. 28

Fonte: *Do autor, com base na imagem disponível em <https://issuu.com/fabioguimaraes/docs/binder1> [consult. em Agosto.2016]*

figura 18 | "Localização das portas e postigos da Muralha de Portimão" – p. 29

Fonte: *Do autor, com base na imagem disponível em <https://issuu.com/fabioguimaraes/docs/binder1> [consult. em Agosto.2016]*

- figura 19** | “Distribuição funcional no Centro Histórico” – p.30
Fonte: *Do autor, com base na imagem disponível em <https://issuu.com/fabioguimaraes/docs/binder1> [consult. em Agosto.2016]*
- figura 20** | “Teatro Municipal “Tempo” – p. 30
Fonte: *<http://arandiseditora.blogspot.pt/> [consult. em Setembro.2016]*
- figura 21** | “Casa Manuel Teixeira Gomes” – p. 30
Fonte: *<http://www.visitportimao.com/pt/conteudo/742/casa-manuel-teixeira-gomes> [consult. em Setembro.2016]*
- figura 22** | “Igreja Matriz” – p. 30
Fonte: *<https://rgpsousa.blogspot.pt/2014/02/igreja-matriz-de-portimao.html> [consult. em Setembro.2016]*
- figura 23** | “Igreja do Colégio” – p. 30
Fonte: *<http://olhares.sapo.pt/igreja-do-colegio-de-portimao-foto1934619.html> [consult. em Setembro.2016]*
- figura 24** | “Capela de S.José” – p. 30
Fonte: *<http://www.visitportimao.com/pt/conteudo/688/capela-de-s-jose> [consult. em Setembro.2016]*
- figura 25** | “Edifícios com Valor Patrimonial no Centro Histórico” – p. 31
Fonte: *Do autor, com base na imagem disponível em <https://issuu.com/fabioguimaraes/docs/binder1> [consult. em Setembro.2016]*
- figuras 26, 27 e 28** | “Centro histórico de Portimão” – p. 31
Fonte: *Do autor*
- figura 29** | “Largo Martim Moniz. 1ª fase de demolições” – p. 34
Fonte: *<https://br.pinterest.com/pin/605382374880644320/> [consult. em Setembro.2016]*
- figura 30** | “Demolições na Alta de Coimbra. Anos 60” – p. 34
Fonte: *<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=241858/> [consult. em Setembro.2016]*
- figura 31** | “Reabilitação na Ribeira, Porto. Fernando Távora 1973” – p. 35
Fonte: *<https://pt.slideshare.net/Joanaines/arte-portuguesa-contemporanea-1> [consult. em Setembro.2016]*
- figura 32** | “Proposta de requalificação Praça Duque de Saldanha, Lisboa” – p. 36
Fonte: *<https://www.publico.pt/2015/03/12/local/noticia/praca-de-saldanha-e-picoas-va-ganhar-passeios-arvores-e-uma-ciclovia-1688777#&gid=1&pid=1> [consult. em Outubro.2016]*
- figuras 33 e 34** | “Estado actual da antiga Lota” – p. 39
Fonte: *Do autor*
- figura 35** | “Composição volumétrica da Lota” – p. 39
Fonte: *gentilmente cedida pelo Arqº Sérgio Nave*
- figura 36** | “Fábrica Feu antes da regeneração” – p. 40
Fonte: *<http://portimaoruaarua.blogspot.pt/2011/03/> [consult. em Novembro.2016]*
- figura 37** | “Fábrica Feu actualmente. Museu Municipal” – p. 40
Fonte: *Do autor*
- figura 38** | “Palácio Sárra Prado. Anos 1990” – p. 40
Fonte: *<http://portimaoruaarua.blogspot.pt/2011/04/largo-1-de-dezembro.html> [consult. em Novembro.2016]*

- figura 39** | “Palácio Sárrea Prado. Actualmente” – p. 40
Fonte: <http://portimaoruaarua.blogspot.pt/2011/04/largo-1-de-dezembro.html> [consult. em Novembro.2016]
- figura 40** | “Adega Cooperativa de Portimão. Actualmente” – p. 41
Fonte: Do autor
- figura 41** | “Convento de S. Francisco. Actualmente” – p. 41
Fonte: https://c1.staticflickr.com/3/2888/10409094653_ebe852bddf_b.jpg [consult. em Novembro.2016]
- figura 42** | “Indústrias Criativas. Ilustração” – p. 42
Fonte: <http://www.ideiademarketing.com.br/wp-content/uploads/2013/09/criatividade-inovacao.jpg> [consult. em Janeiro.2017]
- figura 43** | “Activação da ideia criativa. Ilustração” – p. 44
Fonte: <http://www2.faac.unesp.br/pesquisa/lecotec/projetos/oicriativas/> [consult. em Janeiro.2017]
- figura 44** | “Edifício GNRation” – p. 47
Fonte: <http://www.carvalhoaraujo.com/pt/pro/gnracion-p/> [consult. em Abril.2017]
- figuras 45 e 46** | “Edifício GNRation. Maquete” – p. 47
Fonte: <https://www.pinterest.pt/boose2k/minecraft-builds/?lp=true> [consult. em Abril.2017]
- figura 47** | “Edifício GNRation. Piso 0” – p. 48
Fonte: <http://www.carvalhoaraujo.com/pt/pro/gnracion-p/> [consult. em Abril.2017]
- figura 48** | “Edifício GNRation. Piso 1” – p. 48
Fonte: <http://www.carvalhoaraujo.com/pt/pro/gnracion-p/> [consult. em Abril.2017]
- figura 49** | “Edifício GNRation. Piso 2” – p. 48
Fonte: <http://www.carvalhoaraujo.com/pt/pro/gnracion-p/> [consult. em Abril.2017]
- figura 50** | “Edifício GNRation. Corte Longitudinal” – p. 49
Fonte: <http://www.carvalhoaraujo.com/pt/pro/gnracion-p/> [consult. em Maio.2017]
- figuras 51 e 52** | “Edifício GNRation. Interiores” – p. 49
Fonte: <http://www.carvalhoaraujo.com/pt/pro/gnracion-p/> [consult. em Maio.2017]
- figura 53** | “Edifício GNRation. Pátio” – p. 49
Fonte: <http://www.carvalhoaraujo.com/pt/pro/gnracion-p/> [consult. em Maio.2017]
- figura 54** | “Edifício GNRation. Fachada Interior” – p. 49
Fonte: https://i.ytimg.com/vi/w7dzPVTY6_c/maxresdefault.jpg [consult. em Maio.2017]
- figura 55** | “Fábrica Santo Thyrsó. Vista nascente” – p. 50
Fonte: <http://www.fabricasantothyrso.com/> [consult. em Maio.2017]

figura 56 | “Fábrica Santo Thyrso. Iniciativas diversas” – p. 50

Fonte: http://i.vimeocdn.com/video/451844910_1280x720.jpg
[consult. em Maio.2017]

figura 57 | “Fábrica Santo Thyrso. Iniciativas diversas” – p. 50

Fonte: http://farm9.staticflickr.com/8092/8557218208_4cb8b90122_c.jpg
[consult. em Maio.2017]

figura 58 | “Fábrica Santo Thyrso. Iniciativas diversas” – p. 50

Fonte: http://farm9.staticflickr.com/8513/8552226218_36ce18e05d_c.jpg
[consult. em Maio.2017]

figura 59 | “Fábrica Santo Thyrso. Distribuição funcional” – p. 51

Fonte: <https://www.cm-stirso.pt/>
[consult. em Maio.2017]

figuras 60, 61 e 62 | “Fábrica Santo Thyrso. Nave Cultural” – p. 51

Fonte: <http://www.blog.anapina.com/2013/07/fabrica-de-santo-thyrso-deutscher.html>
[consult. em Maio.2017]

figuras 63 e 64 | “Fábrica Santo Thyrso. Centro Interpretativo” – p.52

Fonte: <http://www.studiowaba.com/Centro-Interpretativo-Fabrica-Santo-Thyrso>
[consult. em Maio.2017]

figura 65 | “Fábrica Santo Thyrso. Exterior” – p. 52

Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/471611392202411226/>
[consult. em Maio.2017]

figura 66 | “Fábrica Santo Thyrso. Interior” – p. 52

Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/471611392202411194/>
[consult. em Maio.2017]

figura 67 | “LX Factory. Entrada” – p. 53

Fonte: <http://www.lisbonlux.com/images/lisbon/lx-factory.jpg>
[consult. em Maio.2017]

figura 68 | “LX Factory. Vista norte” – p. 53

Fonte: <https://lifecooler.com/files/registos/imagens/415692/225652.jpg>
[consult. em Maio.2017]

figura 69 | “LX Factory. Esquema geral” – p. 53

Fonte: <http://www.cidadesdeportugal.com/noticias/2016/lx-factory-o-soho-de-lisboa>
[consult. em Maio.2017]

figura 70 | “LX Factory. Plantas” – p. 53

Fonte: <http://www.lxfactory.com/PT/mapa/>
[consult. em Maio.2017]

figura 71 | “Livraria “Ler Devagar” – p. 54

Fonte: https://st3.idealista.pt/news/arquivos/2016-03/lisboa_0.jpg?sv=nQ4q0Cip
[consult. em Maio.2017]

figura 72 | “LX Factory. Interiores” – p. 54

Fonte: <https://pt-pt.facebook.com/lxfactory/>
[consult. em Maio.2017]

figura 73 | “LX Factory. Espaço “Cantina” – p. 54

Fonte: http://www.lxfactory.com/imagens/residentes/empresa_5130f93d332fd_27_8.jpg
[consult. em Maio.2017]

- figura 74** | “LX Factory. Espaço criativo” – p. 54
Fonte: http://www.lxfactory.com/imagens/residentes/empresa_4fb2286d4ca27_172_3.jpg
[consult. em Maio.2017]
- figuras 75 e 76** | “Espaço expositivo “Balneário” – p. 55
Fonte: <http://casaniceines.blogspot.pt/2016/06/exposicao-um-mergulho-no-balneario-lx.html>
[consult. em Maio.2017]
- figura 77** | “LX Factory. “Fábrica L” – p. 55
Fonte: <http://madeinportugalmusica.pt/wp-content/uploads/2017/01/Fábrica-L.jpg>
[consult. em Maio.2017]
- figura 78** | “LX Factory. “Fábrica XL” – p. 55
Fonte: <https://www.indexnewspaper.info/artigo.php?id=92>
[consult. em Maio.2017]
- figura 79** | “Central eléctrica. Antigo folheto publicitário” – p. 57
Fonte: *Museu de Portimão*
- figura 80** | “Zona ribeirinha de Portimão. Mapa antigo” – p. 58
Fonte: *Museu de Portimão*
- figura 81** | “Mercado do peixe e Central eléctrica” – p. 58
Fonte: *Museu de Portimão*
- figura 82** | “Edifício actualmente. Alçado sul e poente” – p. 59
Fonte: *Do autor*
- figura 83** | “Edifício actualmente. Alçado norte e nascente” – p. 59
Fonte: *Do autor*
- figura 84** | “Edifício actualmente. Alçado sul” – p. 60
Fonte: *Do autor*
- figura 85** | “Edifício actualmente. Alçado norte” – p. 60
Fonte: *Do autor*
- figura 86** | “Edifício actualmente. Alçado norte e poente” – p. 61
Fonte: *Do autor*
- figura 87** | “Entrada principal” – p. 62
Fonte: *Do autor*
- figura 88** | “Comunicação vertical.Pormenor” – p. 62
Fonte: *Do autor*
- figuras 89 e 90** | “Volume norte “nave” – p. 62
Fonte: *Do autor*
- figura 91** | “Plantas (piso 0 e piso intermédio). Existente” – p.63
Fonte: Câmara Municipal de Portimão
- figura 92** | “Plantas (piso 1 e cobertura). Existente” – p.63
Fonte: Câmara Municipal de Portimão
- figura 93** | “Cortes. Existente” – p.63
Fonte: Câmara Municipal de Portimão
- figura 94** | Alçado sul e nascente. Existente” – p.63
Fonte: Câmara Municipal de Portimão

figura 95 | “Alçado poente e norte” – p.63
Fonte: Câmara Municipal de Portimão

figura 96 | “Composição volumétrica da antiga Lota. Existente” – p.65
Fonte: gentilmente cedida pelo Arqº Sérgio Nave

figura 97 | “Alçado nascente. Proposta” – p.66
Fonte: Do autor

figura 98 | “Muralha orientada a sul” – p.66
Fonte: Câmara Municipal de Portimão, Divisão de Regeneração Urbana

figura 99 | “Novo volume proposto. Esquiços” – p.66
Fonte: Do autor

figura 100 | “Planta geral da proposta. Piso 0” – p.67
Fonte: Do autor

figura 101 | “Planta geral da proposta. Piso 1” – p.67
Fonte: Do autor

figura 102 | “Planta geral da proposta. Cobertura” – p.68
Fonte: Do autor

figura 103 | “Volume principal. Piso 0” – p.68
Fonte: Do autor

figura 104 | “Volume principal. Piso 1” – p.69
Fonte: Do autor

figura 105 | “Volume principal. Corte Transversal” – p.69
Fonte: Do autor

figura 106 | “Volume secundário. Corte Transversal” – p.69
Fonte: Do autor

figura 107 | “Volume secundário. Piso 0” – p. 70
Fonte: Do autor

figura 108 | “Volume secundário. Piso 1” – p.70
Fonte: Do autor

figura 109 | “Volume novo. Piso 1” – p.71
Fonte: Do autor

figura 110 | “Volume novo. Piso 0” – p.71
Fonte: Do autor

figura 111 | “Proposta geral. Corte longitudinal” – p.72
Fonte: Do autor

figura 112 | “Proposta. Alçado sul” – p.72
Fonte: Do autor

figura 113 | “Proposta. Alçado norte” – p.72
Fonte: Do autor

figura 114 | “Proposta. Alçado nascente” – p.72
Fonte: Do autor

figura 115 | “Proposta. Alçado poente” – p. 72
Fonte: Do autor

figura 116 | “Área de intervenção. Existente” – p.73
Fonte: : Google Earth [consult. em Maio.2017]

figura 117 | “Área de intervenção. Proposta” – p.73
Fonte: Do autor

figura 118 | “Jardim Visconde Bivar. Proposta” – p.74
Fonte: Do autor

figura 119 | “Zona de quiosque/café. Proposta” – p.75
Fonte: Do autor

figura 120 | “Largo F. Maurício. Proposta” – p.76
Fonte: Do autor

figura 121 | “Zona de “anfiteatro”. Proposta” – p.77
Fonte: Do autor

figura 122 | “”anfiteatro” à beira rio. Proposta” – p.77
Fonte: Do autor

figura 123 | “envolvente à antiga Lota. Proposta” – p.78
Fonte: Do autor

figura 124 | “passagens inferiores para Largo da Barca e Largo de São José. Proposta” – p.79
Fonte: Do autor

figura 125 | “Largo de São José. Proposta” – p.79
Fonte: Do autor

figura 126 | “Ambiente interior pretendido no volume novo” – p.81
Fonte: <https://www.engenhariacivil.com/imagens/betao-belo-betao-feio-01.jpg>
[consult. em Maio.2017]

figuras 127 e 128 | “aplicação de placas HPL, do tipo TRESPA Meteon Lumen” – p.81
Fonte: <http://www.anteprojectos.com.pt/wp-content/uploads/2016/04/solucoes-trespa-lumen-1-.jpg>
[consult. em Maio.2017]

Introdução

A desertificação e abandono dos Centros Históricos da generalidade das cidades contemporâneas é uma realidade que se tem intensificado nas últimas décadas.

No Algarve, em particular, como principais responsáveis por este facto temos numa primeira fase o repentino aumento da população urbana, devido à migração proveniente das áreas rurais, no final do séc.XIX e princípio do Séc.XX, em busca das oportunidades potenciadas pelo desenvolvimento económico e industrial que se vivia neste período, e, mais tarde, durante a década de 1980, o “boom” turístico impulsionado pelo clima e belezas naturais desta região.

Por estes motivos vamos assistir a uma forte expansão das malhas urbanas e ao desenvolvimento “apressado”, sem o adequado planeamento, de novos núcleos habitacionais, fora dos condicionalismos dos centros históricos, onde se tornou mais rentável construir de novo do que reabilitar ou conservar.

De referir que muito do edificado existente, além de manifestamente insuficiente face à elevada procura, apresentava fortes discrepâncias dimensionais e ergonómicas em relação às necessidades experimentadas no mundo contemporâneo, registando-se inúmeras insuficiências funcionais e constrangimentos tipológicos relacionados com a mobilidade, com o estacionamento e com o cumprimento da normativa da edificação, que aliados à falta de segurança e de espaços públicos de lazer requalificados provocaram novas centralidades no espaço urbano. A oferta torna-se desta forma mais competitiva e atraente nas novas bolsas de crescimento, levando ao inevitável esvaziamento dos antigos miolos citadinos.

Acresce ainda o facto das cidades terem passado a concentrar as suas actividades económicas no sector terciário, nomeadamente no comércio de bens e na prestação de serviços, o que, devido à falta de adaptação ao novo contexto socio-económico, tornou obsoleto, funcionalmente, todo o edificado que anteriormente se dedicava às actividades económicas abandonadas. Assiste-se assim, à implantação das novas economias na periferia das cidades, em edifícios criados de raiz, arrastando consigo toda a vitalidade e dinâmicas inerentes.

Conforme referido atrás, o presente trabalho propõe desenvolver a ideia de novos usos como forma de regeneração urbana, em que a readaptação de um edifício devoluto às tendências contemporâneas de natureza cultural e criativa vai permitir uma

regeneração, não só do próprio edifício como também da área envolvente.

A antiga Lota de Portimão, situada na zona ribeirinha desta cidade, é um exemplo flagrante de um edifício degradado e devoluto, com localização urbanística privilegiada, que necessita urgentemente de uma intervenção que, mais que um simples (re) aproveitamento do espaço, possa contribuir para a sua revitalização e principalmente para a melhoria da qualidade de vida de todos os habitantes e visitantes. Um inadiável processo de regeneração do Centro Histórico de Portimão pode ter aqui o seu epicentro. Uma intervenção urgente e assertiva, devolvendo um uso a este espaço, contribuirá para a sua conservação, evitando a degradação e quase estado de ruína que hoje apresenta. Como em muitos casos, ao perder a sua função, entrou em processo de decadência física e funcional. A maioria dos edifícios antigos deve a sua longevidade ao facto de terem sido continuamente utilizados. A antiga Lota de Portimão não é exceção. Inicialmente Central Eléctrica, depois funcionando como Lota, e nos dias de hoje palco de esporádicas manifestações culturais, é um espaço que foi mantendo a sua vitalidade mas que hoje se encontra em estado quase terminal.

Assim, é proposto para este espaço a criação de uma incubadora de indústrias criativas, pequenas “startups”, que encontram neste espaço a sua primeira casa. Será um espaço cultural, de criatividade, gerador de energias tal como o foi no passado quando abrigava uma central eléctrica. Da mesma forma, será um espaço de venda directa do produto criado, sem intermediários, sem mediadores, sem transformações. Novamente um paralelismo com outra das funções anteriores deste espaço. Enquanto Lota, também aqui foram comercializados muitos produtos do mar sem intervenções e sem alterações, sem “corantes nem conservantes”.

O modelo de negócio, pós reabilitação do edifício em causa, passa por uma candidatura aos espaços disponíveis, em que cada pequena indústria criativa se instala gratuitamente neste equipamento municipal, por um período não superior a seis meses, fabricando e comercializando os seus produtos. Findo este período, e uma vez que todos os recursos necessários até aqui (excepto matérias primas) tinham sido disponibilizados de forma gratuita, haveria uma obrigatoriedade de reinstalação, agora de forma autónoma, dentro do perímetro do Centro Histórico. Desta forma seria criada uma dinâmica de rotatividade da oferta de produtos na antiga Lota, o que aumentava a curiosidade e motivava visitas frequentes ao espaço, e um “salpicar” da zona antiga com criatividade e impulsos necessários a uma alavancagem da regeneração urbana desta zona da cidade.

Em suma:

Até que ponto as actividades culturais e artísticas têm a capacidade de promover a reabilitação urbana e a regeneração do espaço público?

Objectivos principais:

| a importância do uso na preservação da arquitectura |

| revitalização através de novos usos |

| Criatividade: instrumento catalisador da (re) qualificação dos Centros Históricos |



figura 1 | Centro Histórico e antiga Lota de Portimão

CAPÍTULO I: A CIDADE DE PORTIMÃO

1.1 | Enquadramento Demográfico

O Concelho de Portimão, composto por três freguesias: Portimão, Alvor e Mexilhoeira Grande, localiza-se no Barlavento algarvio pertencente ao distrito de Faro, e é limitado a norte pelo município de Monchique, a leste por Silves e Lagoa e a oeste por Lagos. A sul, tem como limite o oceano Atlântico.

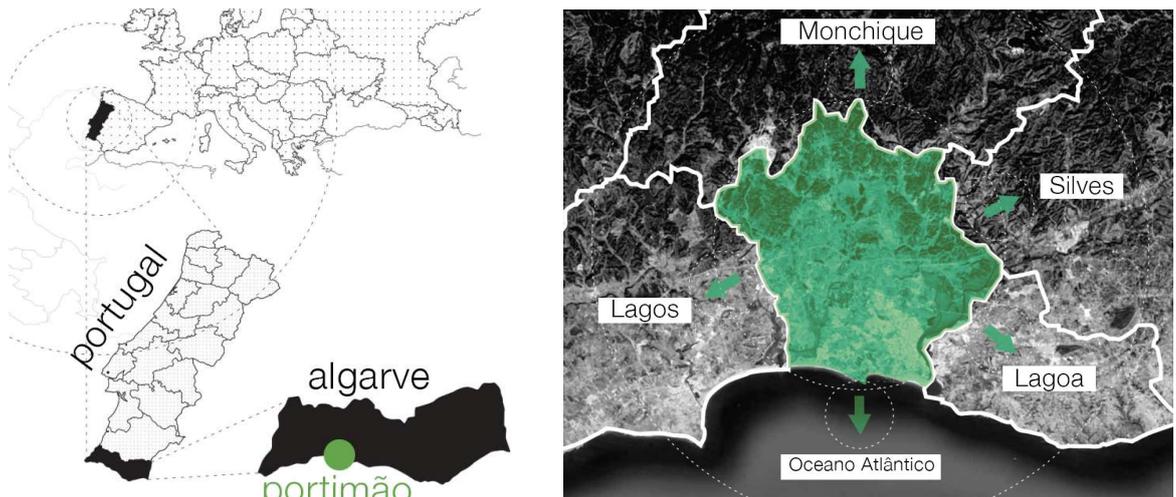


figura 2 e 3 | localização do Concelho de Portimão

Segundo os censos de 2011, o Município é detentor de uma área residencial de 182,10Km², com uma população residente de 55614 habitantes, registando uma densidade de 305,5hab/Km².

Quanto à estrutura demográfica da cidade temos vindo a assistir a diferentes fases de evolução. Na última década houve um acréscimo de 24,09% da população residente, que corresponde a um aumento de 10796 indivíduos.

Relativamente à caracterização dos seus habitantes, tendo por base os censos de 2011, o centro histórico apresenta um decréscimo de residentes comparativamente às novas zonas de expansão do Concelho a Poente. A percentagem de distribuição das faixas etárias são semelhantes em Portimão e Alvor, correspondendo a 20% dos 0 aos 24 anos, 60% dos 25 aos 64 anos e 20% com 65 ou mais anos. A Mexilhoeira Grande, é a freguesia que apresenta uma população mais envelhecida, com o valor associado à faixa etária dos 65anos ou mais, na ordem dos 20%.

Da população residente no concelho, verifica-se que é maioritariamente do sexo feminino e mais de metade corresponde ao grupo etário de 25 aos 64 anos.

A freguesia de Portimão é a freguesia com maior densidade populacional, com 600,50 hab/Km² que corresponde a mais de dois terços da população residente, com um acréscimo populacional superior ao crescimento da totalidade do concelho de cerca de 25%. A freguesia da Mexilhoeira Grande é a freguesia menos populosa, com uma variação da população na ordem dos 12%.

1.2 | Resumo Histórico e Evolução Urbana

Portus-Hanibalis, denominação atribuída ao porto de grande importância estratégica para trocas comerciais com Fenícios e Gregos, criado pelos Cartagineses por volta de 550 AC, terá sido o primeiro nome conhecido para Portimão. (Oliveira, 1993)

No século III, na época Romana, o porto volta a assumir-se como estrutura de elevada importância sendo alvo de uma considerável expansão e diversos ajustes com o objectivo de satisfazer a sua crescente utilização. A sua localização geográfica perfeita, proporciona um desenvolvimento económico forte e determinado, dando origem a uma evolução gradual.

No século XV e XVI, no reinado D. Afonso V, torna-se necessário, para evitar ataques de piratas, iniciar a construção de uma muralha que desenhava um polígono irregular com cerca de 1100 metros, que se estendia da margem do rio para oeste.



figura 4 | implantação da primeira povoação (Séc. XV)



figura 5 | implantação com muralha (Séc. XVI)

A área muralhada era de aproximadamente 65.000 m², englobando a parte mais alta da vila, onde se situa a Igreja Matriz. (Carrapiço,1974)

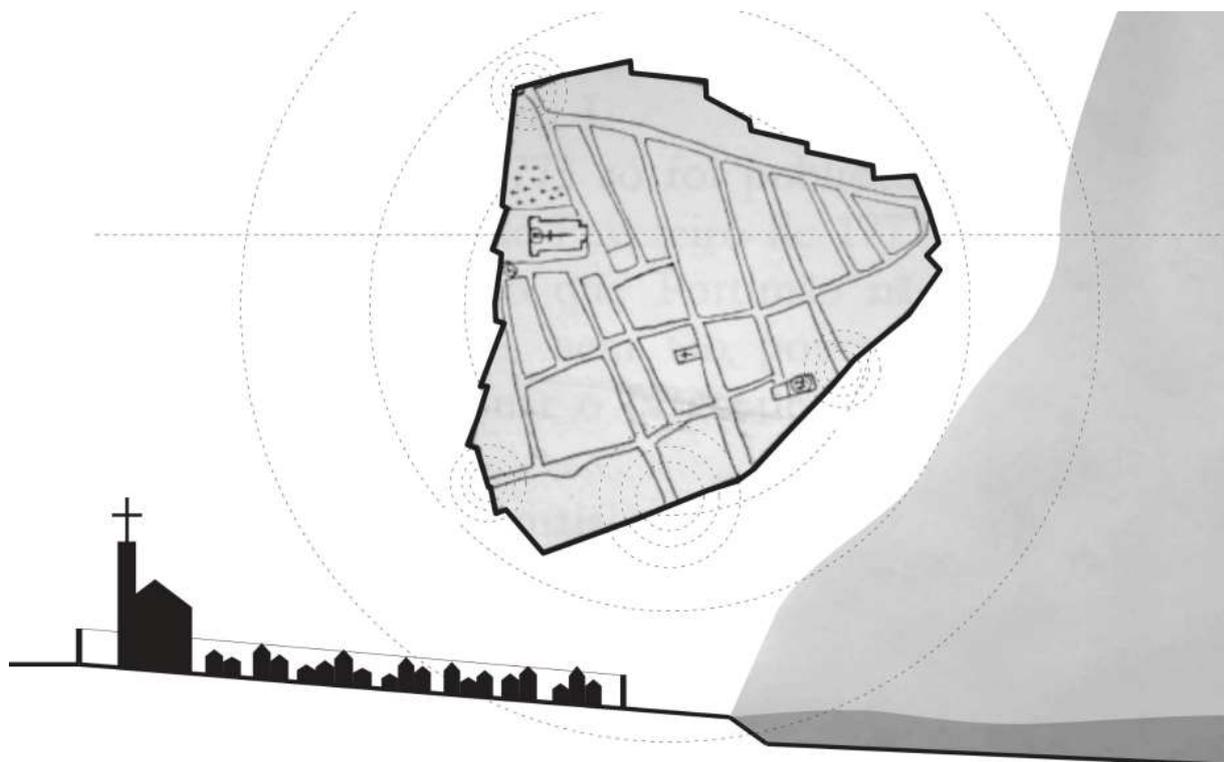


figura 6 | Vila com muralha, e corte longitudinal

Mais tarde, com a consolidação do centro urbano, foi dada autorização, pelo rei D. Afonso V, a um grupo de populares para fundarem uma nova povoação de nome São Lourenço Barrosa, que mais tarde se viria a chamar Vila Nova de Portimão, nome com que foi designada pela primeira vez no ano de 1475. (Ventura, 1993) Nesta época, a actividade piscatória e a actividade agrícola eram os principais pilares da subsistência económica e sobrevivência da população,

Em 1476, a Vila Nova de Portimão é doada por Dom Afonso V ao seu inspector financeiro, D. Gonçalo Vaz de Castelo Branco, (vedor da Fazenda de D. Afonso V) que impulsionou a construção naval. Esta actividade assume tal importância que permitirá o desenvolvimento da vila em termos económicos e sociais e consequentemente o seu crescimento demográfico e territorial. Com a morte de D. Gonçalo Vaz, passa a donatário D. Martinho Castelo Branco, elevado a conde da Vila Nova de Portimão. Em 1504 a Vila Nova de Portimão, vê reconhecida pelas instâncias do poder, a sua importância económica, com a atribuição de um foral, por D. Manuel I, consagrando o desenvolvimento desta localidade. (Vieira, 1996)

Do porto de Portimão são exportados produtos locais, como: figos, azeite, vinho e peixe. Os produtos agrícolas eram essencialmente provenientes da região de Monchique, impondo a necessidade de um canal de entrada na cidade e de rápido e directo encaminhamento ao porto. As actuais rua de Monchique e rua Infante D. Henrique assumem-se, nesta altura, como as mais importantes vias de comunicação. Serão elas também um elemento dinamizador de expansão e crescimento da Vila. (Vieira, 1996)



figura 7 | expansão para o exterior da muralha (Séc. XVII)

Nos séculos XVII e XVIII a actividade comercial abranda e alivia o ritmo de desenvolvimento, a vila acaba mesmo por perder habitantes. Em 1755 o violento abalo sísmico seguido de marmoto, destrói grande parte do edificado de Portimão, incluindo muralhas e diversos templos religiosos.

No ano de 1876 foi construída a primeira ponte sobre o rio Arade, uma ponte rodoviária, um novo elemento de comunicação entre a Vila Nova de Portimão e Ferragudo que, até então, se fazia exclusivamente através da passagem de uma barca. (Inácio, 2012)

Em 1922, é inaugurada uma segunda travessia sobre o rio, com a ponte ferroviária, depois da intervenção pessoal do rei D. Carlos, que se comprometeu em trazer o comboio até Portimão, após uma visita em 1897.



figura 8 | ponte rodoviária



figura 9 | ponte ferroviária

Estas infra-estruturas vêm dignificar grandemente a mobilidade e os movimentos inter-concelhos, dignificando dinâmicas muito significativas na vila, permitindo a mobilidade de pessoas e bens, oriundas de municípios limítrofes.

Nos finais do séc. XIX e princípio do Séc. XX, Portimão torna-se num dos mais importantes centros industriais de conservas de peixe, com inúmeras fábricas instaladas na cidade. Na viragem deste século, assiste-se ao surgimento de novos bairros e o conseqüente aumento da população urbana, que migrou das áreas rurais, em busca de novas oportunidades promovidas pelo desenvolvimento económico e industrial que acontecia neste período. Nesta época, o aspecto mais significativo da fisionomia residencial é a predominância de uma população operária, que se concentra em bairros envolventes aos estabelecimentos fabris. Residências de pequenas dimensões e com poucas condições de habitabilidade que reflectem a situação económica destas pessoas na época.



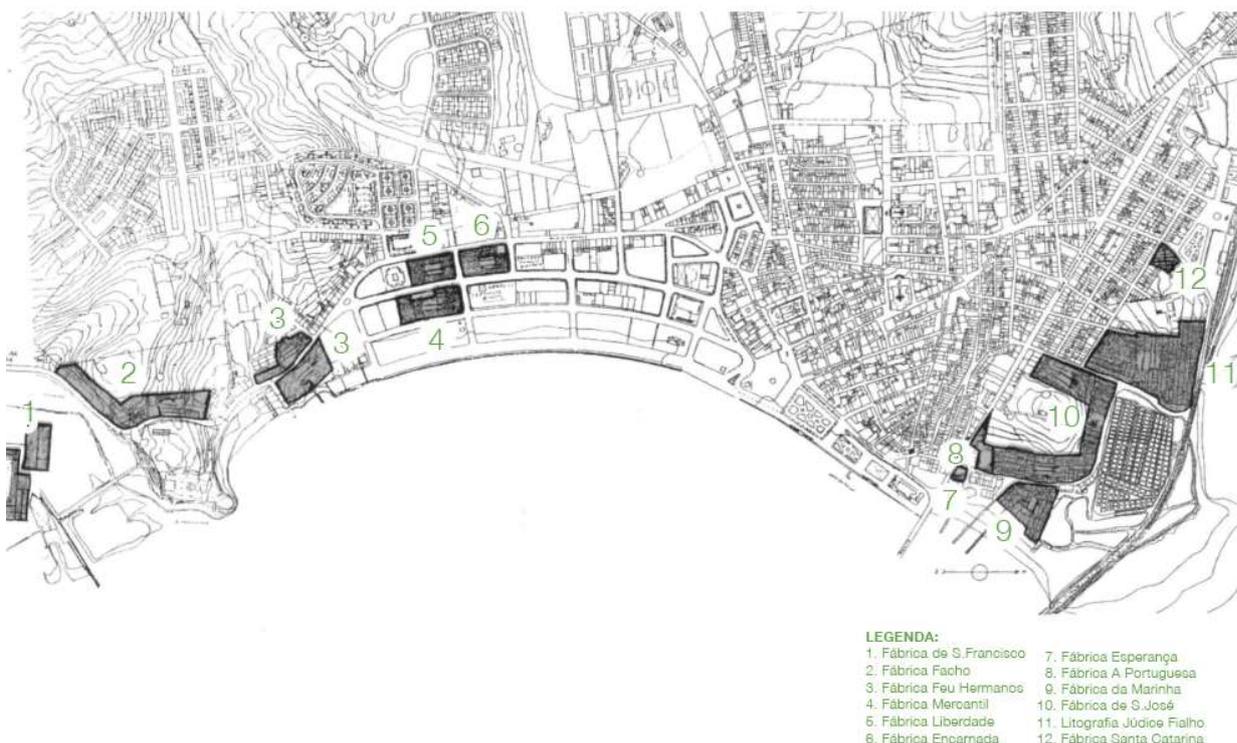
figura 10 | antiga Fábrica Feu Hermanos



figura 11 | descarga do peixe



figura 12 | operárias enlatando



LEGENDA:

- 1. Fábrica de S. Francisco
- 2. Fábrica Faço
- 3. Fábrica Feu Hermanos
- 4. Fábrica Mercantil
- 5. Fábrica Liberdade
- 6. Fábrica Encarnada
- 7. Fábrica Esperança
- 8. Fábrica A Portuguesa
- 9. Fábrica da Marinha
- 10. Fábrica de S. José
- 11. Litografia Júlio Fialho
- 12. Fábrica Santa Catarina

figura 13 | Localização das principais Fábricas de Conserva

Assim, podemos observar no perímetro urbano duas áreas distintas, uma que acolhe a população operária e estabelecimentos fabris (a Norte e Nascente da Igreja Matriz) e outra que acolhe a residência das famílias mais abastadas economicamente e estabelecimentos de comércio e serviços (a Sul da Igreja Matriz).

Todavia, na década de 1980 assiste-se ao encerramento da maior parte da indústria conserveira. O forte dinamismo registado no sector do turístico, provocado pelo clima e pelas belezas naturais desta região, veio aumentar o fluxo crescente de pessoas, dignificando o sector terciário e imobiliário, renegando a indústria conserveira para segundo plano. Portimão, assim como todas as cidades da região, sofre um aumento significativo do núcleo urbano, onde, até hoje, se verifica um Centro Histórico despojado de dinâmicas e vitalidade, com grande parte dos edifícios residenciais e comerciais degradados e devolutos, consequência da migração populacional para zonas marginais, onde as condições de vivência e habitabilidade se revelam notoriamente mais apetecíveis.



figura 14 | Maior expansão da cidade de Portimão (1990)

1.3 | Centro Histórico

O Centro Histórico do concelho de Portimão, estruturado, para o presente exercício, dentro do limite da muralha quatrocentista, é uma área que, expectavelmente, se apresenta bastante consolidada do ponto de vista do tecido urbano, onde se verifica uma densidade construtiva e estrutura territorial orgânica, com escassos espaços verdes de uso público.

O cadastro de propriedade dentro do aglomerado tem dimensões reduzidas e é encerrado a sul por uma sucessão de espaços exteriores que confrontam com o Rio Arade.



figura 15 | Centro Histórico de Portimão e delimitação da muralha quatrocentista



figura 16 | Centro Histórico de Portimão. Cheios e vazios "mapa de Noli"



figura 17 | Localização do Centro Histórico e Antiga Lota de Portimão

A malha urbana presente dentro das muralhas teve o seu desenvolvimento marcado pela limitação de espaço, levando a que as ruas tenham um traçado estreito e sinuoso. Esta cinta defensiva tinha forma de um polígono irregular, tendo como principais entradas:

- A Porta da Ribeira: Ficaria localizada no topo este da rua Júdice Fialho (lado do rio). Era a porta de entrada de todos os produtos e pessoas provenientes do rio e do mar.
- Porta de S. João: Esta porta ficaria localizada onde hoje é o início da Rua Direita (antiga Farmácia Dias). Era por aqui (tal como ainda hoje) que seguia a estrada para Alvor.
- Porta da Serra: Por aqui, seguia o caminho para Monchique servindo também como uma espécie de entreposto dos produtos que vinham do meio rural. Ficaria onde hoje a Rua da Igreja e a Rua da Porta da Serra confluem.

Para além destas portas, a muralha era também constituída por entradas de menores dimensões, denominadas de postigos. Localizavam-se no que será hoje em

dia o início da Rua de Santa Isabel (postigo de Santa Isabel) comunicando com o rio, no que será hoje o Largo da Barca (postigo dos Fumeiros) e em frente à Igreja Matriz (postigo da Igreja).

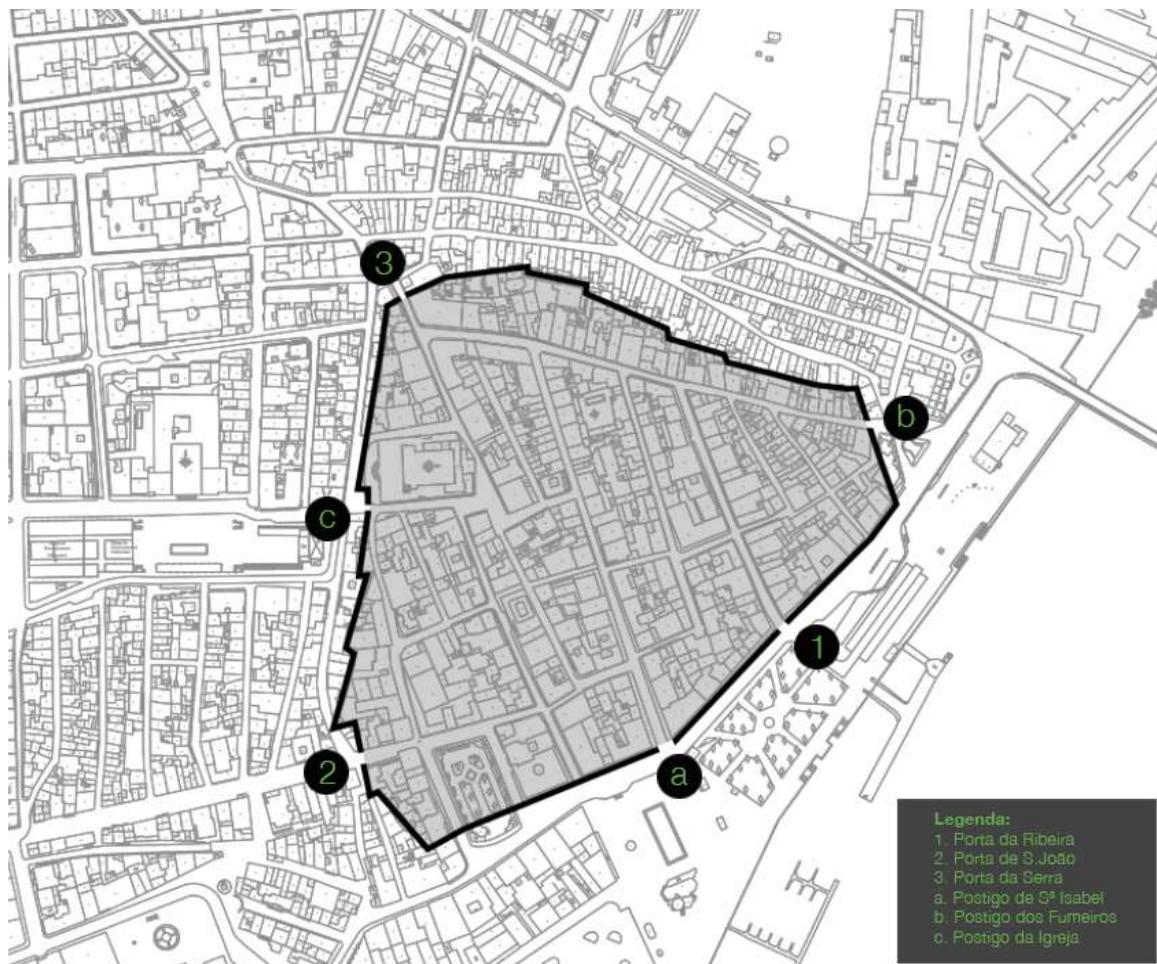


figura 18 | Localização das portas e postigos da Muralha de Portimão

A nível volumétrico, o Centro Histórico apresenta bastante diversidade, com predominância dos edifícios de dois pisos na malha mais antiga a nascente, mas também com um número significativo de edifícios de três e quatro pisos, a poente que correspondem a tipologias implantadas na segunda metade do séc. XX, cuja expansão esteve directamente relacionada com o desenvolvimento da economia local.

Em termos de distribuição de funções, o centro histórico apresenta um perfil essencialmente residencial, embora com um número significativo de edifícios de comércio e/ou serviços.



Legenda:

- Edifícios residenciais
- Edifícios de comércio e/ou serviços
- Edifícios devolutos

figura 19 | Distribuição funcional no Centro Histórico.

Nesta zona, ainda que nalguns casos fora do perímetro intramuralhas, estão incluídos equipamentos com forte valor patrimonial de natureza cultural e religiosa. No âmbito cultural temos o teatro Municipal "Tempo" e a Casa Manuel Teixeira Gomes, edifício onde nasceu Manuel Teixeira Gomes, antigo Presidente da República (Imóvel de interesse municipal por deliberação camarária nº58/07). De natureza religiosa encontramos a Igreja Matriz (imóvel de interesse público DL 129/77, de 29 de Setembro), a Igreja do Colégio (imóvel de interesse municipal DL 735/74, de 21 de Setembro) e a capela de S. José (imóvel de interesse municipal DL 129/77, de 29 de Setembro).



figura 20 | Teatro Municipal "Tempo".



figura 21 | Casa Manuel Teixeira Gomes



figura 22 | Igreja Matriz



figura 23 | Igreja do Colégio



figura 24 | Capela S. José



figura 25 | Edifícios com Valor Patrimonial no Centro Histórico

Nesta área existem ainda outros imóveis e conjuntos de imóveis não classificados que, pela sua coerência, ou riqueza patrimonial constituem ambientes urbanos distintos que importa preservar.



figura 26, 27 e 28 | Centro Histórico de Portimão

CAPÍTULO II: ENQUADRAMENTO TEMÁTICO

2.1 | Reabilitação Urbana e Conceitos Inerentes

Embora as primeiras povoações tenham surgido há milhares de anos, apenas na segunda metade do século XIX surgiu alguma preocupação ligada à necessidade de conservar. Por esta altura, foi o crítico de arte, John Ruskin que defendeu a ideia de conservar os tecidos históricos e as construções antigas de arquitectura mais modesta (Pinho,2009).

Em Portugal, este conceito apareceu pela primeira vez nos anos 60 do século passado. No entanto, apesar de relativamente recente, já sofreu várias alterações nos seus objectivos, abordagens, metodologias e âmbitos de actuação, o que, de acordo com as diferentes tipologias de intervenção a aplicar, deu origem a diversos conceitos, tais como renovação, reabilitação, requalificação e regeneração. Muitas vezes estes conceitos são utilizados de forma incorrecta, verificando-se, em certas circunstâncias, alguma confusão na essência dos mesmos. Assim, no âmbito da presente dissertação e para uma melhor interpretação da proposta apresentada, mais do que uma evolução histórico do conceito de reabilitar, torna-se pertinente clarificar e evidenciar as particularidades que diferenciam os conceitos atrás referidos. De lembrar que a intervenção proposta pretende desenvolver uma operação de regeneração, conceito que apareceu mais recentemente e que engloba toda uma série de tipologias interventivas anteriores, conforme se poderá perceber mais à frente. Assim:

Renovação Urbana

“Por Renovação Urbana entende-se uma forma de intervenção no tecido urbano existente em que o património urbanístico ou imobiliário é substituído, no seu todo ou em parte muito substancial” (Decreto Regulamentar nº9/2009)

Este conceito, aplicado à área do urbanismo, confere-nos a ideia de demolição do edifício em questão procedendo à substituição por uma construção nova, para o mesmo ou para um uso diferente. A edificação é considerada inutilizável, sem valor patrimonial e um obstáculo à modernização e crescimento económico.

Um dos exemplos mais marcantes situa-se na segunda metade do séc. XX. Com o desenrolar da Segunda Guerra Mundial muitas cidades europeias, maioritariamente em Inglaterra e na Alemanha, sofreram danos profundos e após o finalizar do conflito houve a necessidade de reconstruir vários espaços urbanos, tendo surgido então uma modificação na política urbana europeia.

Desde então houve uma maior sensibilização para a melhoria dos espaços urbanos, sendo que se multiplicaram as operações de renovação urbana. Defendia-se o arrasamento dos bairros antigos de malha apertada, grande densidade de ocupação e más condições sanitárias, e sua substituição por bairros regulares e arejados, ou então o seu esvaziamento por vias e praças que permitissem a penetração do ar, a iluminação das casas e a fluidez do tráfego.

Em Portugal, este tipo de intervenção foi aplicado na época do Estado Novo, exemplo do Largo Martim Moniz e da Alta de Coimbra, onde se procedeu à massiva substituição de tecidos antigos em nome de uma política de planeamento de renovação.



figura 29 | Largo Martim Moniz. 1ª fase de demolições



figura 30 | Demolições na Alta de Coimbra. Anos 60

Reabilitação Urbana

Contrastando com o modelo de substituição anterior, o conceito de reabilitação inclui, claramente, uma metodologia planeada por forma a criar ou capacitar para determinados fins. É necessária uma análise e avaliação de forma a agendar as soluções necessárias a aplicar na intervenção pretendida. O diagnóstico é imprescindível antecedendo a readequação do edifício, apresentando-se como desadequado às funções a que se destina, ou para que continue a servir o seu fim de habitabilidade ou de resposta a um serviço público de forma digna.

De forma generalizada, e por vezes incorrecta, aplica-se este conceito para descrever toda a intervenção de recuperação, quando na verdade é bem mais singular uma vez que se aplica unicamente na edificação já existente.

Ou seja, “reabilitação urbana significa a substituição da estíma pública. Sendo o seu objectivo criar condições para que as pessoas não só possam viver e sobreviver em condições consideradas adequadas, mas, também, criar condições de maneira a que estes núcleos ou essas cidades constituam núcleos estimados pela sociedade e a colectividade”. (Arq. Alcino Soutinho 1998)

Remete-nos para a readaptação de novas situações da funcionalidade e expansão urbana, criando em espaços edificados que se encontram degradados, condições de atractividade.

Nos finais do Século XX surgem as primeiras experiências de reabilitação urbana em Portugal. Como pioneiras destacam-se as experiências na Ribeira do Porto, em Évora e Guimarães, com a criação de instrumentos específicos e dotados de meios próprios para a reabilitação.



figura 31 | Reabilitação na Ribeira, Porto.Fernando Távora 1973.

Requalificação Urbana

A requalificação urbana tem como principal objectivo, e como o próprio nome indica, voltar a qualificar, promover a melhoria das condições de vida das populações, sendo que neste caso o espaço público é o principal alvo da intervenção.

“Operação de renovação, reestruturação ou reabilitação urbana, em que a valorização ambiental e a melhoria do desempenho funcional do tecido urbano constituem objectivos primordiais da intervenção.” (DGOTDU;2008)

Embora não se distanciando, no objectivo geral, dos anteriores conceitos, distingue-se pela eleição de padrões de melhoramento e intervenção social numa vertente também económica que a intervenção no edificado descurava.



figura 32 | Proposta de requalificação Praça Duque de Saldanha, Lisboa.

Regeneração Urbana

“Por regeneração ou revitalização urbana entende-se uma operação de renovação, reestruturação ou reabilitação urbana, orientada por objectivos estratégicos de desenvolvimento urbano, em que as acções de natureza material são concebidas de forma integrada e activamente combinadas na sua execução com intervenções de natureza social e económica” (DGOTDU;2008)

Presentemente, este conceito pode ser considerado o mais “abrangente” e lógico, uma vez que integra todos os anteriores e resulta das experiências aplicadas durante o último século. Compete a este conceito devolver a vida à cidade e à edificação. A revitalização urbana surge da necessidade de renovação, reabilitação e requalificação urbana, pelo que considera todas as directrizes e processos anteriores, somando preocupações sociais, ambientais, de defesa de património e de inovação. Competências que se julgavam inerentes a outras ciências.

Nesta visão global baseia-se o processo de revitalização onde as pessoas e as entidades se fundem no mesmo processo, assumindo-se como um conceito integrador o que assegura a sua sustentabilidade.

2.2 | A relevância do Uso na conservação arquitectónica

Com o avançar dos tempos, a política de expansão urbana, experienciada até há bem pouco tempo, revelou-se demasiado dispendiosa ao mesmo tempo que agravou os fenómenos de dispersão urbanística. Impediu uma coesão nas malhas urbanas, mais favorável a um desenvolvimento equilibrado e dinâmicas inerentes, chegando-se rapidamente à conclusão de que seria mais acertado e sustentável atribuir novos usos ao edificado devoluto ou que apresentam usos manifestamente obsoletos, readaptando ou redireccionando as suas valências estratégicas às necessidades emergentes. A criação de novas dinâmicas pode vir a colmatar grandes e profundas lacunas sociais que determinadas áreas urbanas manifestam nos dias de hoje. Não bastando o impacto visual negativo que um edifício em degradação oferece, é sabido e comprovado que os edifícios velhos, abandonados e sem uso atraem vandalismo, mendicidade, toxicodependência, o que por consequência desvaloriza o edifício e a sua envolvente, desincentiva o investimento e cria um custo social elevado para a comunidade.

Actualmente, não só em Portugal como em muitos países Europeus, a política de "reutilizar" edifícios, dando-lhes uma nova vida passou a ser uma prática bastante atractiva quer em termos económicos como a nível social e até histórico. Em muitos edifícios, mesmo sem que se lhes reconheça riqueza arquitectónica de grande relevância, podemos encontrar valor histórico-cultural para as cidades, que fazem parte da sua identidade e memória colectiva, e nesse sentido a melhor forma será revitalizá-los com um novo uso e uma nova vida. Com o edifício da antiga Lota de Portimão acontece precisamente isto, tendo sido esta a premissa que se impôs aquando da sua escolha para protagonista da presente dissertação.

Ao nível da conservação, ter uma função, encontrar um propósito, é sinónimo de vitalidade e manutenção. Pode-se facilmente confirmar que a grande maioria dos edifícios antigos devem a sua longevidade ao facto de terem sido continuamente utilizados. Inevitavelmente, ao longo de sua história, são vítimas de diversas alterações para poderem dar resposta a novas funções, que, não raras vezes, resultam na modificação de sua aparência, levando ao que hoje conhecemos ser, frequentemente, o resultado de sucessivas adaptações que possibilitaram sua sobrevivência. O edifício sobre o qual incide a presente dissertação é um exemplo claro desta realidade. Inicialmente construído para albergar uma central eléctrica, altera o seu propósito funcional, e passa a funcionar como lota, onde a primeira venda do peixe recém-capturado era efectuada.

Já na década de 80 torna-se obsoleto, e não lhe tendo sido atribuída nova função desde então, salvo algumas utilizações, muito pontuais, de carácter cultural e artístico, apresenta-se hoje como um edifício devoluto e em avançado estado de degradação.



figura 33 e 34 | Estado actual da antiga Lota

Tal como ilustrado na figura em baixo, também neste edifício podemos encontrar algumas alterações, não previstas inicialmente, necessárias introduzir aquando da sua alteração funcional. Os volumes A e B fazem parte da proposta inicial, tendo sido posteriormente adicionados os restantes volumes. Os volumes D e E surgem enquanto central eléctrica, possivelmente devido à instalação de um novo motor “Diesel” de 750 HP. O volume C, a tardoz, terá servido como “casa do sal” no período em que o edifício foi utilizado como lota. Uma chaminé e um muro implantado na envolvente foram removidos uma vez que já não se lhes reconhecia qualquer utilidade.



figura 35 | Composição volumétrica da antiga Lota

De referir que na cidade de Portimão podemos encontrar vários exemplos que comprovam o explanado no presente subcapítulo. Ou seja, alguns edifícios com valor histórico para a cidade e relevância cultural que se encontravam vazados

funcionalmente, ao se lhes ter sido atribuída nova função, ganharam a vitalidade e dinâmicas necessárias para evitar a sua morte, já anunciada.

É exemplo disso a antiga fábrica de conservas de peixe Feu Hermanos, localizada no lado sul da frente ribeirinha da cidade. É neste renovado edifício fabril, datado dos finais do séc. XIX, que surge, em 2008, o Museu Municipal, núcleo de promoção cultural e espaço de descoberta das origens e da evolução da comunidade, do seu território e dos aspectos mais marcantes da sua história industrial e marítima. Esta nova função, tão díspar da original, permitiu não só travar o desaparecimento de um edifício emblemático na cidade, como revitalizar toda uma área envolvente e de transição entre a zona ribeirinha e a Praia da Rocha, ressuscitando o valor histórico e patrimonial e preservando o carisma e o impacto urbano que outrora tivera na cultura da cidade.



figura 36 | Fábrica Feu antes da regeneração



figura 37 | Fábrica Feu actualmente. Museu Municipal

Outro exemplo, na cidade de Portimão, de um edifício cuja longevidade se pode atribuir à mudança de função, é o caso do Palácio Sárrea Prado, casarão de finais do século XVIII cuja função cívica acompanha a evolução da própria cidade, em sucessivas adaptações: Câmara Municipal em 1915, escola, Biblioteca, Registo civil, quartel da GNR, cartório, e hoje, embora mantendo apenas a fachada principal, Teatro Municipal “Tempo”, reanimando uma certa linha dramaturgic de raiz local.



figura 38 | Palácio Sárrea Prado. Anos 1990



figura 39 | Palácio Sárrea Prado. Actualmente

À espera de uma nova função, que como todas as mudanças funcionais resulte de uma escolha que não deve ser precipitada, que emerja de planeamento e ponderação, que respeite as expectativas do local e das gentes, que evite o seu desaparecimento, resgatando a essência e vitalidade de outros tempos, temos ainda o edifício da antiga Adegas Cooperativas e o convento de São Francisco. Dois testemunhos culturais e históricos da cidade de Portimão, que anseiam por herdar uma nova função que os conduza a mais um capítulo da sua existência.



figura 40 | Adegas Cooperativas de Portimão. Actualmente



figura 41 | Convento de S. Francisco. Actualmente

2.3 | Indústrias Criativas. O que são?



figura 42 | Indústrias Criativas. Ilustração

Indústrias Criativas são “as actividades que têm a sua origem na criatividade individual, habilidade e talento e com potencial de criação de emprego e riqueza, através da geração e exploração da propriedade intelectual.”¹

A definição de indústrias criativas surgiu na Austrália, em 1994, mas apenas se popularizou em 1997, quando o Department for Culture, Media and sport (DCMS) do Reino Unido o desenvolveu. Nesta Definição as indústrias criativas caracterizam-se por criar, produzir e distribuir bens e serviços que usam o capital criativo e intelectual como elemento essencial para criar riqueza e emprego gerando e explorando a propriedade intelectual.

De um modo mais simplista, o que as diferencia das “indústrias tradicionais” é que o seu valor, a sua riqueza, assenta no seu conteúdo, no seu significado ou no que representam. Ou seja, é o valor expressivo do produto criativo que reflete o seu valor e não o objecto que o transporta.

Como exemplos, temos as artes performativas e visuais, o património cultural, o artesanato e a joalheria, o cinema, a rádio, a televisão, a música, a edição, o software educacional e de entretenimento, a arquitectura, o design, a moda e a publicidade.

¹ conceito de Indústrias criativas, originalmente desenvolvido pelo Department of Culture, Media and Sports (UK DCMS) in FLEMING (Tom) et al, Estudo Macroeconómico – Desenvolvimento de um Cluster de Indústrias Criativas na Região do Norte, Fundação Serralves, Julho de 2008

As indústrias criativas representam, neste momento, um dos sectores de maior crescimento na economia global promovendo simultaneamente uma fonte essencial de competitividade. Na Europa as indústrias criativas representam um volume de negócios de 654 mil milhões de euros, correspondendo a 2,6% do PIB da EU e apresentam um crescimento de 12,3% com 5,8 milhões de pessoas nelas empregadas (KEA, 2006). Em Portugal “o Sector Cultural e Criativo originou, no ano de 2006, um valor acrescentado bruto (VAB) de 3.690,679 milhares de euros, isto é, foi responsável por 2,8% de toda a riqueza criada nesse ano em Portugal”.²

Estes dados são fundamentais para compreender a importância e a evolução que este sector tem preconizado e como, inegavelmente, se torna evidente o sucesso ao se convergir, cada vez mais, para economias baseadas em indústrias criativas, principalmente como estratégia a desenvolver na regeneração urbana das nossas cidades, em geral, e dos centros históricos, em particular. De facto, nos últimos anos, a criação de “bairros culturais” como política urbana de sucesso na regeneração, tem sido o caminho implementado em muitas cidades do Reino Unido, dos Estados Unidos, da Austrália e do Canadá. Portugal e o resto da Europa não têm sido exceção a esta prática.

Curiosamente, as indústrias criativas são tão importantes para a vitalidade e viabilidade dos centros históricos como estes são para a sua produção e crescimento. Estes locais singulares e especiais para cada povoação, oferecem o cenário físico e cultural necessário ao desenvolvimento destas actividades e estas encontram aqui os contextos com os quais se identificam. A criatividade requer um ambiente que a estimule e que potencie uma ampla gama de estímulos sociais, culturais e económicos. A vida dos centros históricos passa pela capacidade de aproveitar as preexistências infra-estruturais e culturais, quer estas sejam físicas ou imateriais, de forma a estas contribuírem para a troca de ideias e criações. A criatividade e a cultura têm esta unicidade que se revela um enorme trunfo, uma vantagem imensurável, o garante do sucesso quando comparadas com outros quaisquer “inputs” estratégicos à regeneração urbana.

Perante estas premissas, acabou por se tornar óbvia a escolha da criatividade como geratriz do novo propósito funcional do edifício da Antiga Lota de Portimão, enquanto garante da sua regeneração e sobrevivência.

² Augusto Mateus & Associados, O Sector Cultural e Criativo em Portugal – Relatório Final, Julho de 2009

2.4 | Incubadoras de Indústrias Criativas. Definição e valências

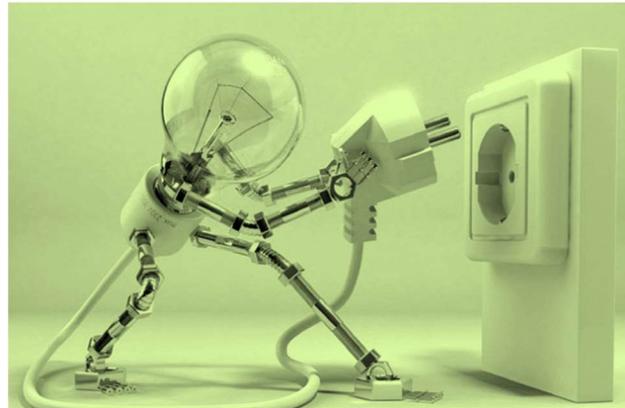


figura 43 | Activação da ideia criativa. Ilustração

Muitas vezes, e com maior frequência nas áreas criativas e artísticas, verifica-se por parte dos novos empreendedores, um elevado distanciamento a diversas competências empresariais como, por exemplo, conhecimentos em gestão empresarial e marketing, ou a incapacidade individual no acesso a determinados equipamentos e serviços. A própria burocracia inerente à instalação no mercado de uma nova “indústria” pode ser agonizante e contraproducente no início.

Surge então a ideia de criar espaços físicos interdisciplinares de encontro e de convergência criativa, beneficiando das competências dos vários parceiros, que podem compensar falhas e imperfeições presentes nos mecanismos de mercado, e assim, aumentar as probabilidades de sucesso das empresas emergentes. Estes espaços, fazendo uma analogia com os processos de incubação biológica, pelo qual certos animais ovíparos chocam os seus ovos para que o embrião se desenvolva e atinja maturidade, foram baptizados por incubadoras. Incubadoras de Indústrias Criativas no presente caso, uma vez que, como o próprio nome indica, se destinam ao amparo e fortalecimento de modelos de negócio com base na cultura e criatividade.

As incubadoras são, sem dúvida, instrumentos operacionais de extrema importância, principalmente para minimizar as dificuldades iniciais que qualquer pequena empresa se depara aquando da sua formação. As suas características, que facilitam a criação de projectos, o seu desenvolvimento, a sua produção e distribuição, promoção e divulgação, são o seu principal diferenciador e o que as impede de serem classificadas como simples espaços de trabalho para alugar.

De referir que, a dimensão e as funcionalidades que cada incubadora oferece variam consoante o contexto e a realidade em que se inserem, no entanto espaços como ateliers individuais, sala “black box” (pequena sala polivalente para espectáculos e apresentações), locais para reuniões, áreas expositivas e de lazer são habituais neste tipo de equipamentos. A sua génese pode resultar de investimento público ou privado, e ao mesmo tempo estar associadas ou ser parte integrante de instituições do ensino superior.

CAPÍTULO III: ESTADO DA ARTE. ESTUDO DE CASOS

3.1 | GNRation, em Braga

Antigo quartel do GNR, o espaço GNRation, localizado em pleno Centro Histórico da cidade de Braga, ganhou um novo uso quando, em 2013, foi totalmente reabilitado no âmbito da capital Europeia da Juventude.

Actualmente, enquanto espaço orientado para a promoção de actividades artísticas e para a exploração e disseminação das artes digitais é considerado um dos locais mais criativos de Braga. Esta revitalização, da autoria do arquitecto Carvalho Araújo, revelou-se uma mais-valia para a cidade, promovendo forte impacto no colectivo, enquanto polo aglutinador de dinâmicas culturais e criativas, assumindo-se como um espaço orientado para a sensibilização e formação de novos públicos.



figura 44 | Edifício GNRation

Estamos perante um equipamento Municipal dedicado às indústrias criativas e à inovação tentando dar resposta à ambição de cada pessoa. É um edifício com diferentes valências que acolhe os mais variados programas e promove a mostra de programas e actividades criativas direccionadas para públicos de várias gerações.



figuras 45 e 46 | Edifício GNRation. Maquete

Construído com o objectivo de revitalizar o centro Histórico de Braga, o GNRation oferece para além dos múltiplos espaços com diferentes valências que permitem fazer exposições, espectáculos, reuniões, workshops entre outras actividades, um programa de incubação e aceleração de ideias e talento denominado Startup GNRation. Este programa tem assim como objectivo apoiar empreendedores no processo de desenvolvimentos de ideias de negócio dando principal enfoque à área das Artes, Ciência e Tecnologia.

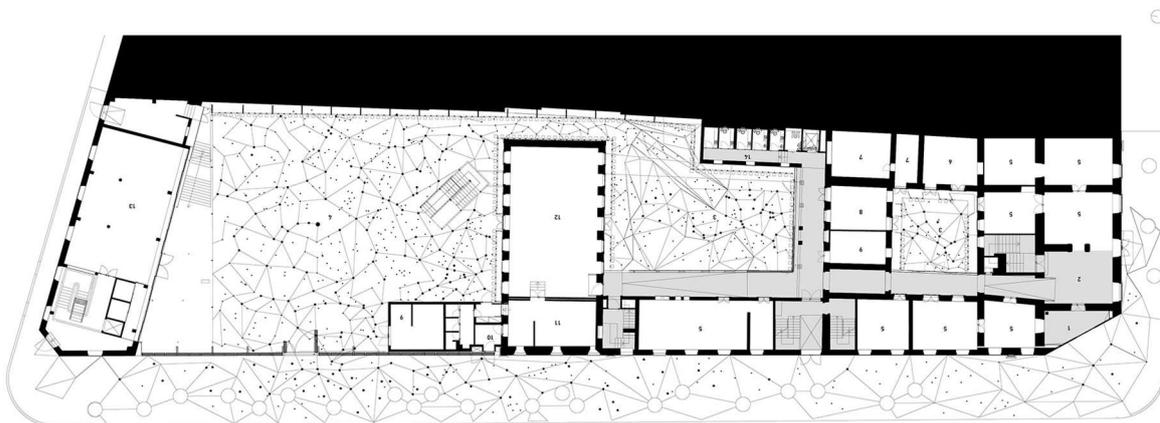


figura 47| Edifício GNRation. Piso 0

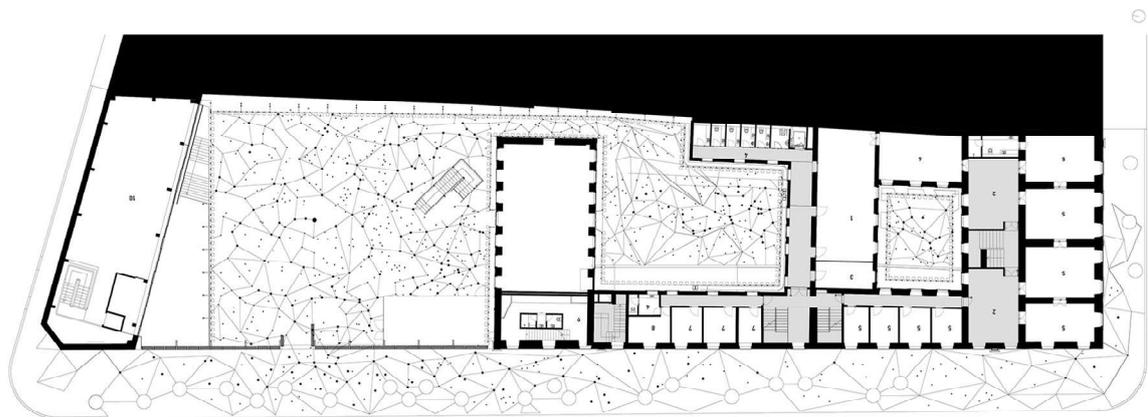


figura 48| Edifício GNRation. Piso 1

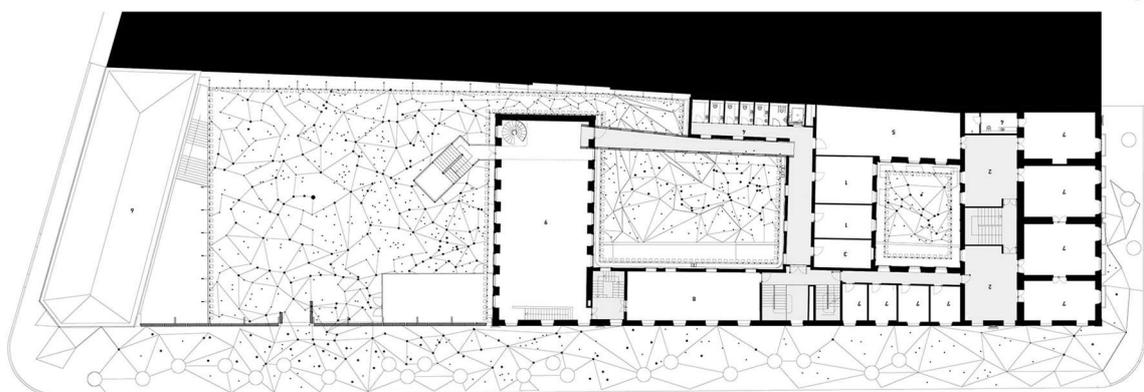


figura 49| Edifício GNRation. Piso 2

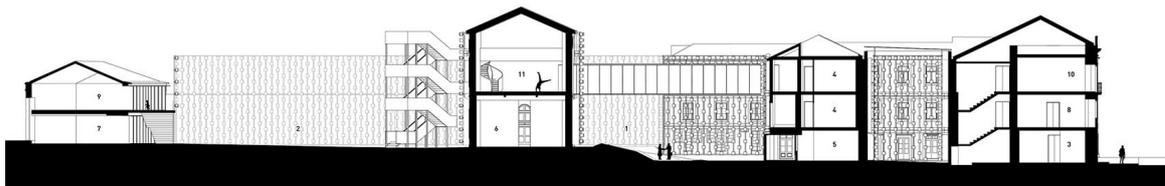
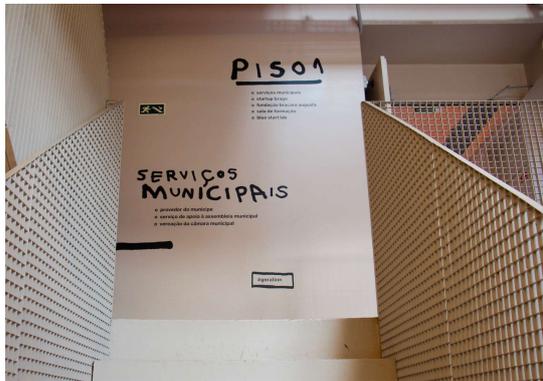


figura 50| Edifício GNRation. Corte Longitudinal



figuras 51 e 52| Edifício GNRation. Interiores

No exterior do edifício, onde encontramos pátios com desenhos de constelações e que possuem o nome das mesmas que representam, foram feitos dois tipos de intervenção. Segundo o autor, uma directa no edifício existente através de recortes na fachada de forma a tornar esta mais nobre. A segunda, através da introdução de espécies vegetais nos pátios que se “agarram” às fachadas como se o edifício tivesse sido ocupado pela Natureza ao longo dos tempos.



figura 53| Edifício GNRation. Pátio



figura 54| Edifício GNRation. Fachada interior

O GNRation assume-se desta forma como uma âncora local, um pólo dinamizador da criatividade, quer seja de base cultural ou informática, cuja localização privilegiada, a rotatividade dos programas incubados e dos eventos temporários que são promovidos, convidam inúmeras pessoas para o centro da Cidade, promovendo desta forma a sua vitalidade e dinâmica colectiva.

3.2 | Fábrica de Santo Thyrso, em Santo Tirso

A cidade de Santo Tirso foi considerada o berço da industrialização têxtil em Portugal, onde, em 1845, foi criada a primeira unidade industrial têxtil com o nome Fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrso, ou Fábrica do Teles como ficou conhecida.

Localizada na margem esquerda do Rio Ave, próximo do centro da cidade, é na então chamada de “Fábrica do Teles”, mais tarde abandonada fruto da revolução têxtil, que hoje se situa a Fábrica Santo Thyrso, Incubadora de Moda e Design, Centro de Empresas e Inovação. Da autoria do arquitecto Nuno Pinto, este projecto, considerado um símbolo da ligação da Cidade à indústria têxtil, é, nos dias de hoje, um “alojamento” de excelência de indústrias criativas em torno do sector da moda.



figura 55| Fábrica Santo Thyrso. Vista nascente

Encarado como um símbolo de progresso e ao mesmo tempo crescimento económico, capaz de impulsionar transformações sociais, procura ultrapassar as fronteiras do modelo convencional de incubação, uma vez que, além da cedência de espaços vocacionados para instalação de empresas em fase de arranque, pretende ainda promover uma colaboração estreita entre os criativos e a indústria do sector. Apresenta ainda uma forte componente de Investigação que permite desempenhar um papel inovador, estimulando o design e o desenvolvimento de novos produtos e serviços nos sectores têxtil e do vestuário.



figuras 56, 57 e 58| Fábrica Santo Thyrso. Iniciativas diversas

Este complexo cultural, além de diversos ateliers de trabalho e negócios, espaços para experimentação, exploração cultural, fruição e lazer, lojas e uma unidade de restauração, dispõe ainda de uma Nave Cultural e um Centro Interpretativo.

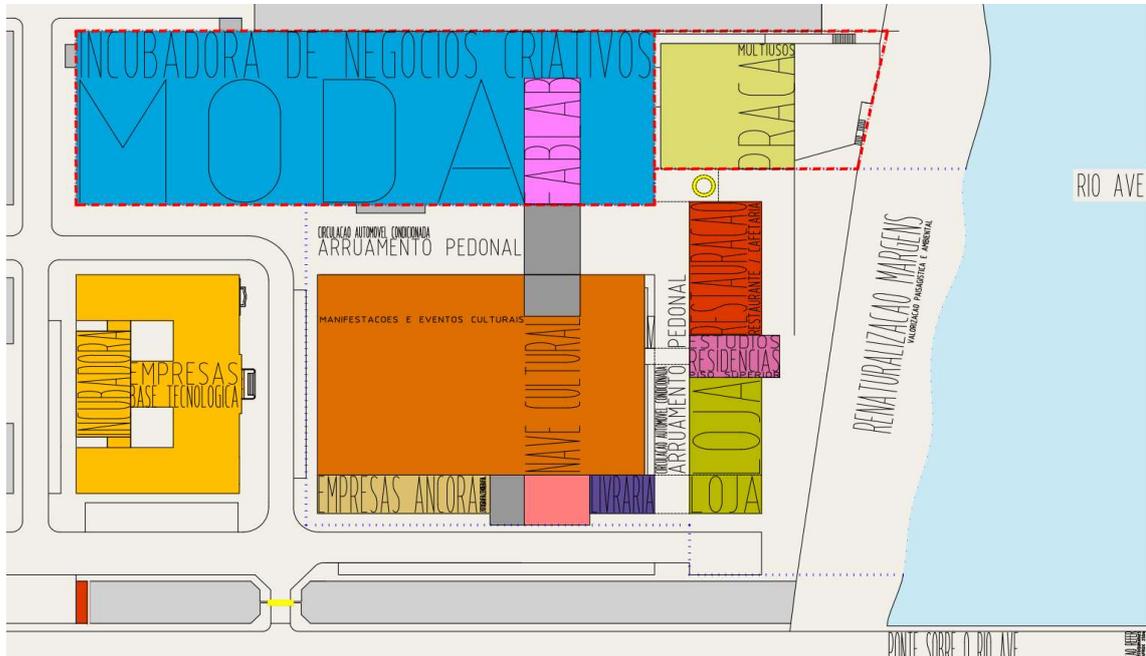
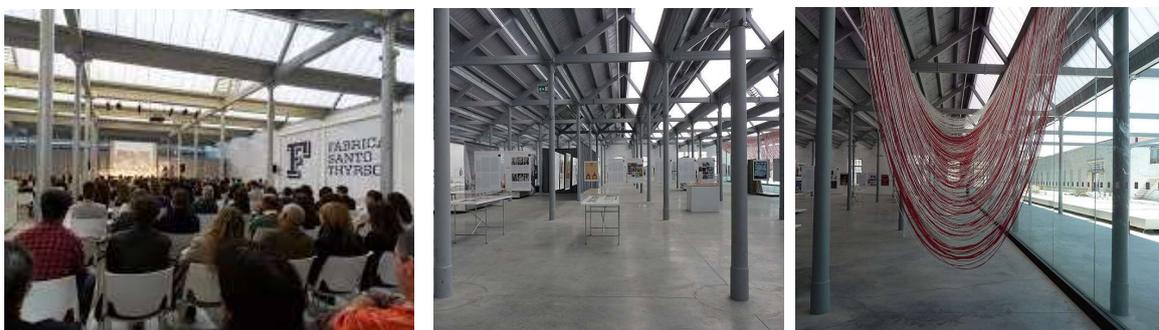


figura 59| Fábrica Santo Thyrsó. Distribuição funcional

A Nave Cultural, espaço multifuncional com uma área total de cerca de 2.200 metros quadrados, oferece um grande potencial de produção de eventos e actividades de diversos tipos com forte regularidade na animação urbana de cariz cultural, permitindo aumentar a oferta na cidade e, assim, atrair e captar públicos diversos.



figuras 60, 61 e 62| Fábrica Santo Thyrsó. Nave Cultural

O Centro Interpretativo, focado nas matrizes culturais e educativas, apresenta, através de conteúdos museológicos, um panorama da fábrica nos tempos do seu funcionamento, enquadrando-o na região do Vale do Ave e projectando o futuro que já é a Fábrica de Santo Thyrsó.



figuras 63 e 64| Fábrica Santo Thyrsó. Centro Interpretativo

Ao nível da intervenção de reconversão, o arquitecto procurou respeitar a integridade do edifício, recuperando o que precisa ser recuperado e destruindo o que impede a sua leitura original. Às fachadas não foram adicionadas alterações marcantes, existem apenas reparações pontuais de reboco e limpeza de pedra. Foi adicionada uma malha metálica que aspira a funcionar como elemento rememorativo do carácter produtivo da fábrica. Ao tear de fios de algodão é contraposto este elemento metálico que conduz a imagem da mesma à contemporaneidade. Também os interiores foram tratados de forma a modificar o menos possível.



figura 65| Fábrica Santo Thyrsó. Exterior



figura 66| Fábrica Santo Thyrsó. Interior

A intervenção, proposta pela dupla de arquitectos Ana Duarte Pinto e João Manuel Alves, foi pautada pela simplicidade e discrição e consistiu essencialmente em pequenas obras de melhoria do edificado, mantendo praticamente inalterada a sua estrutura e arquitectura. Em alguns casos houve mesmo a manutenção no local de maquinaria e outro equipamento industrial outrora utilizado naquele conjunto fabril, exemplo da livraria “Ler Devagar”.



figura 71| Livraria “Ler Devagar”



figura 72| LX Factory. Interiores”

A compartimentação dos espaços, que compreendiam, essencialmente, grandes naves vazias, foi conseguida com recurso a paredes de gesso cartonado o que assegura a reversibilidade da intervenção. Exposto de uma forma crua, sem recurso a ornamentos e artificialismos supérfluos, o conjunto revela-se na sua autêntica materialidade, mantendo o ambiente industrial do passado o que potencia atractividade através do tipo de reabilitação e do tipo de uso. A identidade e contemporaneidade são invocadas pela iluminação artificial e pela materialidade dos novos elementos. Pontualmente, descobrem-se alguns apontamentos de cor ou de um desenho mais cuidado, numa ou noutra caixilharia, ou nas paredes divisórias dos corredores. Nos espaços que lhes são destinados, cada indústria tem total liberdade para uma transformação do espaço à sua medida, tendo como única obrigação a manutenção das características do antigo espaço industrial.



figura 73| LX Factory. Espaço “Cantina”



figura 74| LX Factory. Espaço criativo

Para além dos espaços ocupados por escritórios, ateliers e actividades comerciais diversas, a Lx Factory reserva alguns espaços para o acolhimento de exposições e eventos diversos. É o caso dos antigos balneários que funcionam hoje como um espaço expositivo.



figuras 75 e 76| Espaço expositivo “Balneário”

Para a recepção de eventos, foram reservados os espaços dos dois amplos armazéns situados nas traseiras do edifício principal, as Fábricas L e XL.



figura 77| LX Factory. “Fábrica L”



figura 78| LX Factory. “Fábrica XL”

CAPÍTULO IV: PROPOSTA

4.1 | ANTIGA LOTA DE PORTIMÃO: História e caracterização de edifício

O edifício começa por ser construído para albergar uma central eléctrica a diesel, iniciando a sua actividade em 1916 (data de construção) após aquisição pela Câmara Municipal de Portimão das terras ganhas em aterro após a construção da ponte rodoviária.

J. Valverde & C.^ª

CENTRAIS ELECTRICAS EM FARO E PORTIMÃO

Concessionária do fornecimento de energia eléctrica aos concelhos de Faro, Portimão (Praia da Rocha) e Lagôa

Exterior da central de Portimão

As mais importantes centrais eléctricas do Algarve, com uma potência já instalada em modernos motores «Diesel» de 1.250 HP. e em montagem um novo motor «Diesel» de 750 HP., accionando directamente um alternado trifásico de 550 K.V.A.

Interior da central de Faro

Interior da central de Portimão

DISTRIBUIÇÕES DE ENERGIA ELECTRICIA EM MELGAÇO E PÊSO (MINHO)

figura 79| Central eléctrica. Antigo folheto publicitário

O edifício teve durante muitos anos a vizinhança do antigo “mercado do peixe” do qual não existe qualquer vestígio actualmente.

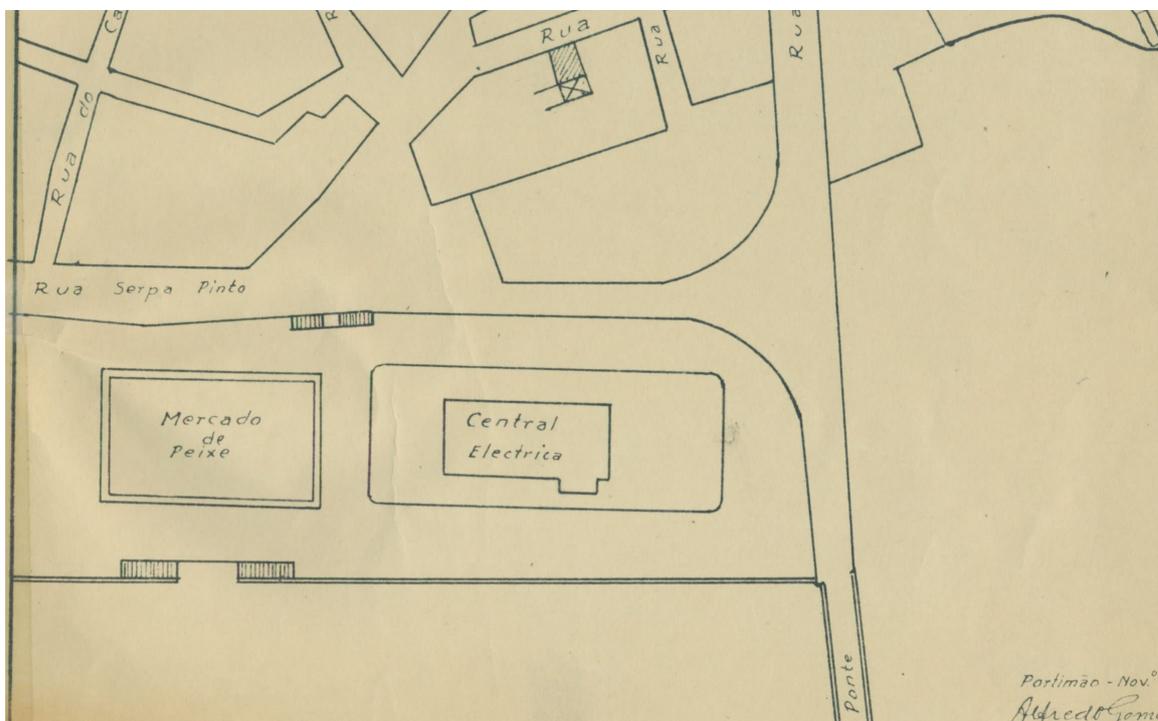


figura 80| Zona ribeirinha de Portimão. Mapa antigo.



figura 81| Mercado do peixe e Central eléctrica.

A antiga central eléctrica, tendo sido desactivada em 1956, passa a funcionar como edifício da lota até aos fins dos anos 80. É deste período que data possivelmente o anexo denominado de “casa do sal” a tardoz.

Descrição do edifício

Exterior

O edifício desenvolve-se em dois corpos distintos, sendo um corpo a Sul composto por dois pisos sob uma cobertura de quatro águas e platibanda e um corpo a Norte caracterizado por uma “nave” do tipo industrial com uma cobertura em duas águas e beirado.



figura 82| Edifício actualmente. Alçado sul e poente



figura 83| Edifício actualmente. Alçado norte e nascente

No alçado Sul, de composição tripartida, existem um conjunto de vãos de inspiração neo-mourisca, ora com arcos em “ferradura”, ora com arcos “mouriscos” e duas janelas no piso superior de inspiração “renascença”. Existem varandas centrais em cantaria no piso superior onde pode ainda ser reconstituído o desenho das guardas em ferro forjado existentes bem como de algumas carpintarias dos vãos. No embasamento do edifício existe uma cantaria de desenho particular que se prolonga pelo corpo da nave e anexo a Norte. O desenho é depurado quanto à decoração, não havendo para além da simalha, nenhum vestígio decorativo na platibanda. À excepção de dois vãos no piso superior, os restantes vãos não aparentam verdadeiro trabalho de cantaria, sendo vincada pelo exterior uma “falsa” cantaria pintada de outra cor.



figura 84| Edifício actualmente. Alçado sul



figura 85| Edifício actualmente. Alçado norte

Assinala-se também a marcação do piso 1 na fachada e a sua correspondência com a cimalha do corpo “nave” a Norte. Este corpo apresenta uma composição tripartida a Nascente e Poente e um vão central com tímpano a Norte. Do conjunto de anexos “acoplados” a este corpo destaca-se a norte um anexo que, pelas suas características de geometria da cobertura e continuidade no embasamento de pedra, beneficia de integração mais cuidada. Outros anexos precários, desenvolvem-se a Nascente, deixando no entanto adivinhar-se um primeiro correspondente à base da chaminé da central eléctrica.



figura 86| Edifício actualmente. Alçado norte e poente

Interior.

Novamente se distinguem os dois corpos com diferentes características arquitectónicas. No corpo Sul, e a partir de uma área central de comunicações verticais, cada um dos pisos terá sido dividido originalmente em seis compartimentos, existindo evidências tipológicas que o comprovam, como os desenhos dos pavimentos algumas forras de tectos e carpintarias em coerência. A escada central em madeira, com elementos decorativos de acordo com o neo-mourisco, é simples e desenvolve-se em dois lanços, com uma ocupação da “bomba” (provavelmente não original) no patamar intermédio. As ocupações casuísticas ao longo de anos terão contribuído para uma alteração tipológica que se constata, embora esta possa ser reversível. No corpo em

nave pode observar-se um espaço amplo com duas paredes (Nascente e Poente) portantes de um conjunto de asnas compostas de vigas de madeira e tirantes metálicos. O revestimento dos pavimentos já não apresenta na totalidade os mosaicos hidráulicos originais, mas um pavimento misto com uma caleira periférica de drenagem, correspondente com certeza ao período em que ali terá funcionado a lota.

As fotografias do interior ajudam-nos a reconhecer as principais características arquitectónicas, nomeadamente dos revestimentos em mosaico hidráulico, no entanto gera alguma polémica quanto à forma dos vãos (aparentemente a tardoz) que não apresentam os arcos em “ferradura”.



figura 87| Entrada principal



figura 88| Comunicação vertical. Pormenor



figuras 89 e 90| Volume norte “nave”

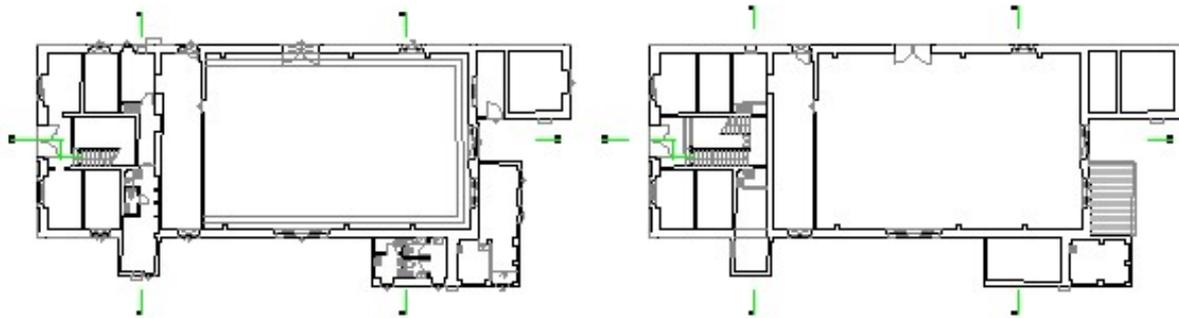


figura 91 | Plantas (piso 0 e piso intermédio). Existente

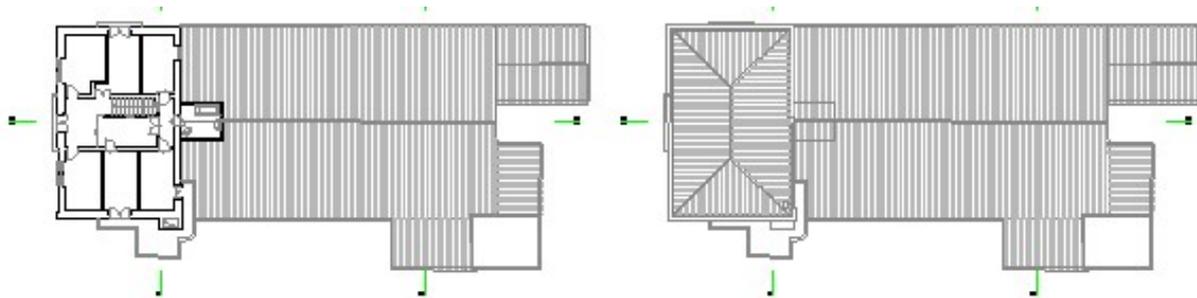


figura 92| Plantas (piso 1 e cobertura). Existente

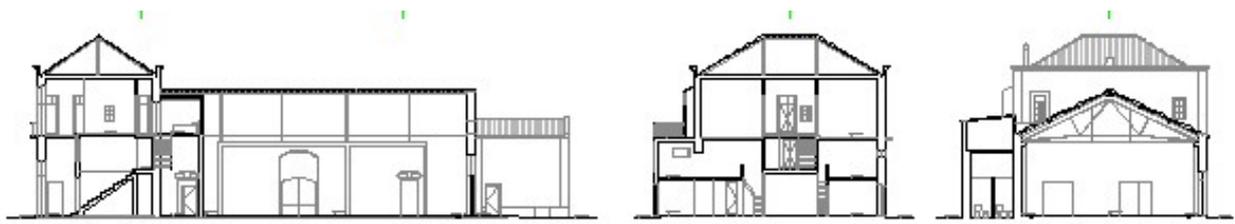


figura 93| Cortes. Existente



figura 94| Alçado Sul e nascente. Existente



figuras 95| Alçado poente e norte. Existente

4.2 | Descrição da proposta

Conceito e traços gerais da proposta

Conforme já foi referido, o tema da presente dissertação é a regeneração e reconversão de um edifício antigo para um espaço dinâmico e apelativo, atribuindo-lhe um novo uso, de acordo com as tendências contemporâneas, que potencie um ponto de partida para uma nova vitalidade de todo o centro histórico da cidade de Portimão.

A eleição da antiga Lota, enquanto alvo da intervenção proposta, prende-se essencialmente com a localização urbanística privilegiada, em plena zona ribeirinha e na proximidade de uma das antigas portas da cidade muralhada, acesso de eleição ao centro histórico, e pelo que este edifício representa a nível histórico e cultural para a cidade de Portimão. Embora não se lhe legitime monumentalidade ou riqueza arquitectónica de grande escala, estamos perante um imóvel que faz parte da identidade e memória colectiva dos munícipes e concelhos vizinhos. Perante o seu avançado estado de degradação e apresentando uma função indefinida, torna-se óbvia a necessidade de uma intervenção que respeite as expectativas do local e das suas gentes.

Após análise, e não esquecendo todo o passado do edifício, propõe-se uma reconversão e revitalização total, com o objectivo de criar um espaço de excelência no acolhimento e incubação de indústrias criativas, que terá como missão reunir e fomentar competências para a geração e capacitação de talentos culturais e criativos com espírito empreendedor.

Em termos da abordagem arquitectónica, é intenção manter os dois volumes principais (A e B na figura a seguir), recuperando a fenestração e a materialidade originais, e remover os restantes (C, D e E na figura a seguir), acrescentados posteriormente ao ritmo das exigências de cada época, uma vez que desequilibram arquitectonicamente o edifício e estão desadequados e desprovidos de qualquer utilidade funcional. Interiormente, todo o edifício é “limpo” e é proposta uma nova disposição dos espaços, de acordo com as novas atribuições e consequentes exigências. Serão deixadas visíveis tanto quanto possível, exteriormente e interiormente, todas as características originais, introduzindo apenas alguns elementos contemporâneos necessários às funcionalidades previstas, sem magoar a pré-existência, mas valorizando-a e devolvendo-lhe alguma dignidade do passado.

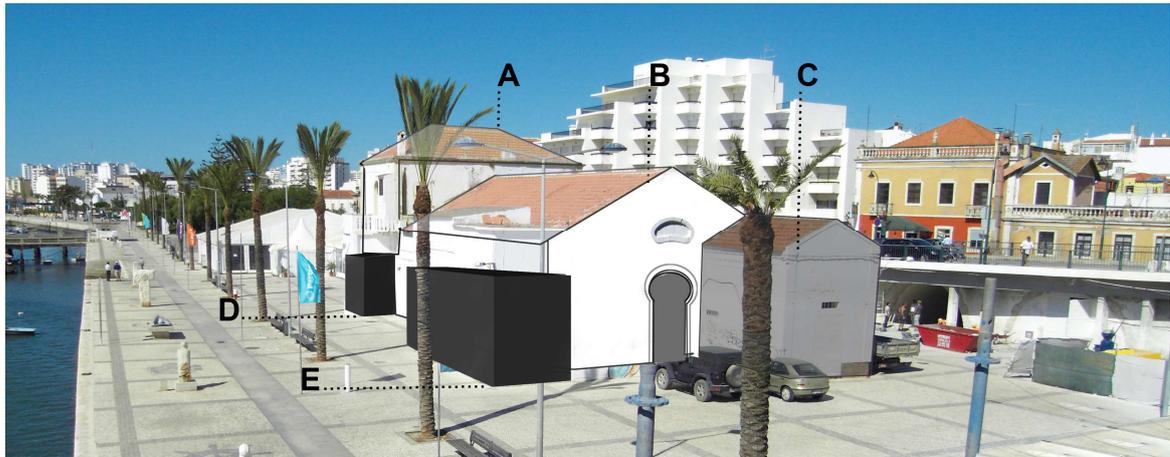


figura 96 | Composição volumétrica da antiga Lota. Existente

A intervenção proposta considera assim a conservação volumétrica e arquitectónica do edifício praticamente na sua totalidade. Tratando-se de um edifício ícone da cidade, procurou-se adaptar o novo uso ao edifício existente, sem alterar formalmente a sua gramática e relação com a envolvente.

No entanto, tentando ser o mais abrangente possível quanto ao programa definido, torna-se necessária a criação de um espaço de dimensões algo generosas, um pequeno auditório/"black box", o qual, fisicamente falando, não conseguirá ser parte do edificado a manter. Por este motivo, e privilegiando uma continuidade e equilíbrio volumétrico, principalmente, longitudinal, prevê-se a criação de um novo volume, a norte, de linguagem e expressividade claramente contemporânea, que irá rivalizar, harmoniosamente, com o volume principal, a sul. Em termos conceituais, embora ambicionando continuidade no conjunto, este novo volume quer assumir-se individualmente, quer sobrepor-se à envolvente, quer vestir o papel de uma "landmark", uma marcação no território que despertará curiosidade e interesse a partir do primeiro momento em que se estabelece contacto visual com o mesmo. A sua forma final, e a singularidade que esta apresenta quando percorremos visualmente a envolvente, será como uma "provocação, um "teaser", que atrai para uma visita, para uma abordagem mais atenta e evasiva ao que se passa, agora, no edifício da antiga Lota. O seu processo de esculpir, fugindo, propositadamente, à ortogonalidade da envolvente foi visivelmente influenciado pelo polígono irregular que compõe a muralha quatrocentista, na envolvente do centro Histórico, orientada a sul.

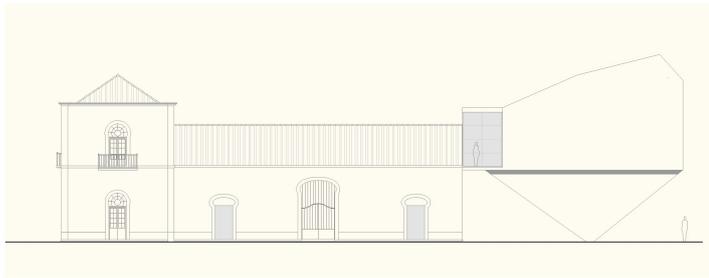


figura 97 | Alçado Nascente. Proposta



figura 98 | muralha orientada a sul

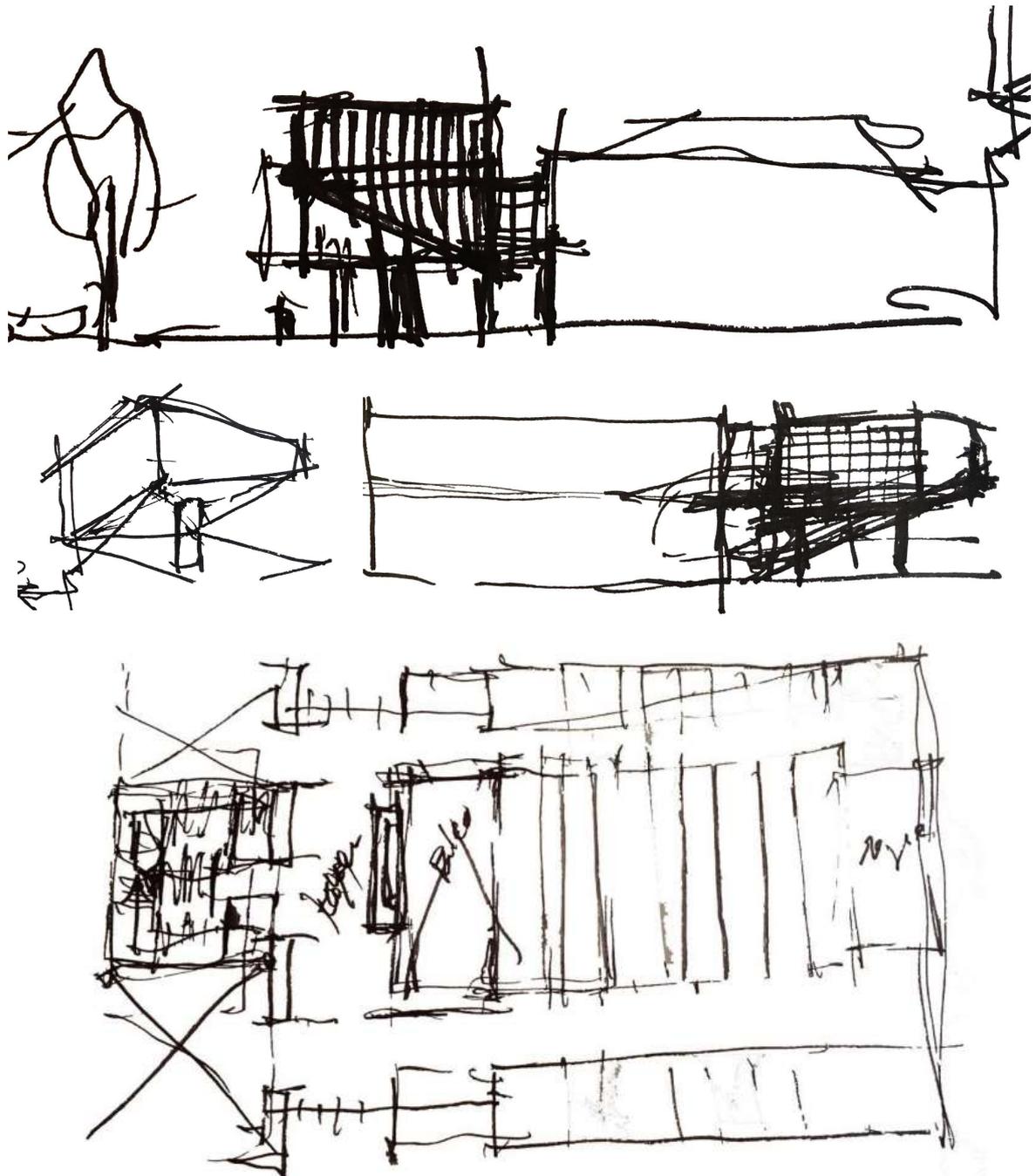


figura 99 | Novo volume proposto. Esquços

Descrição espacial da proposta

Ao nível do volume principal, a sul, é proposta uma zona de “hall”, que serve de acesso principal e apoio a todos visitantes e potenciais “criativos residentes” do edifício. No piso 0 temos a recepção / serviços administrativos e um pequeno café concerto onde podem acontecer pequenos apontamentos artísticos/culturais. Este espaço é ainda enriquecido com uma esplanada exterior, em plena zona ribeirinha. Tanto na zona de recepção como no café concerto é proposto um pé-direito duplo, bastante generoso, permitindo uma amplitude do espaço, desejável em locais de permanência. No piso 0 são também propostas instalações sanitárias gerais e comunicações verticais. Ao nível do piso 1, temos, além de instalações sanitárias, uma sala de reuniões comum que pode ser utilizada através de marcação. É um espaço polivalente que permite reunir com clientes, fornecedores, etc., ou que também pode ser utilizada para sessões de “brainstorming”, em pequenos grupos. De referir que esta sala possui diversos eixos visuais para o piso 0, quer para a zona de recepção quer para a zona do café concerto.

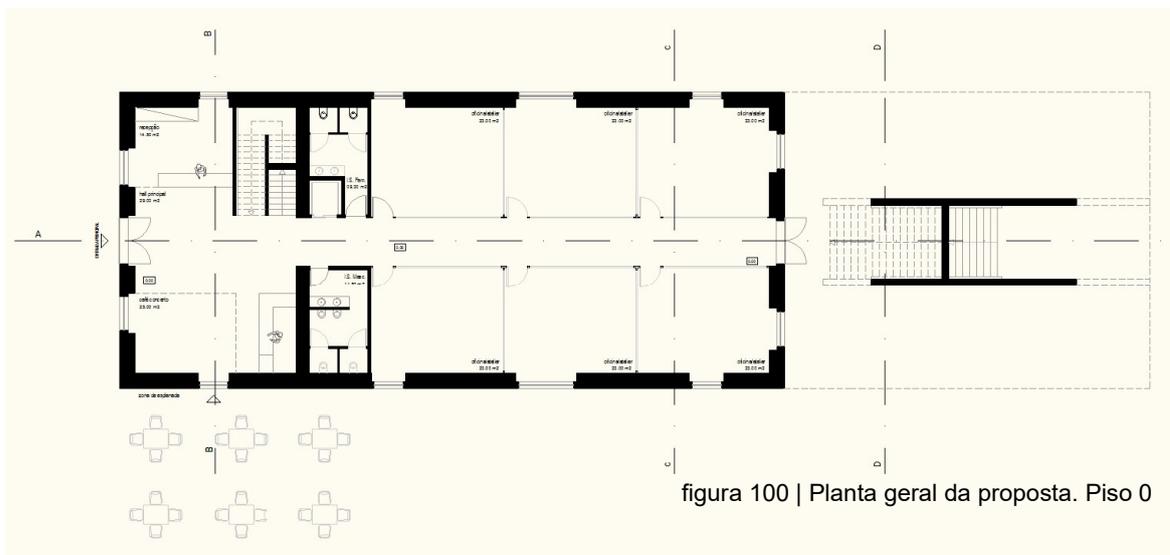


figura 100 | Planta geral da proposta. Piso 0

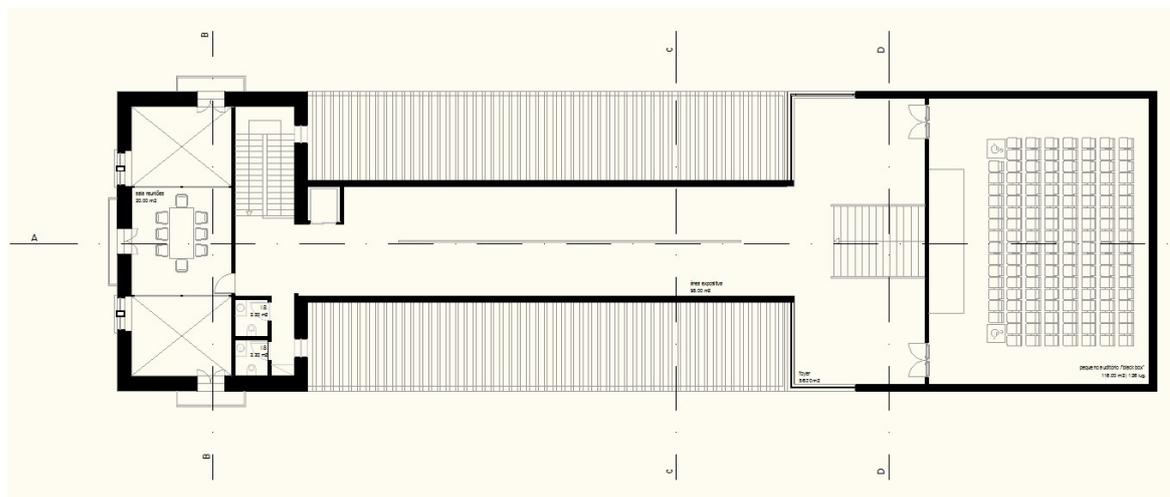


figura 101 | Planta geral da proposta. Piso 1

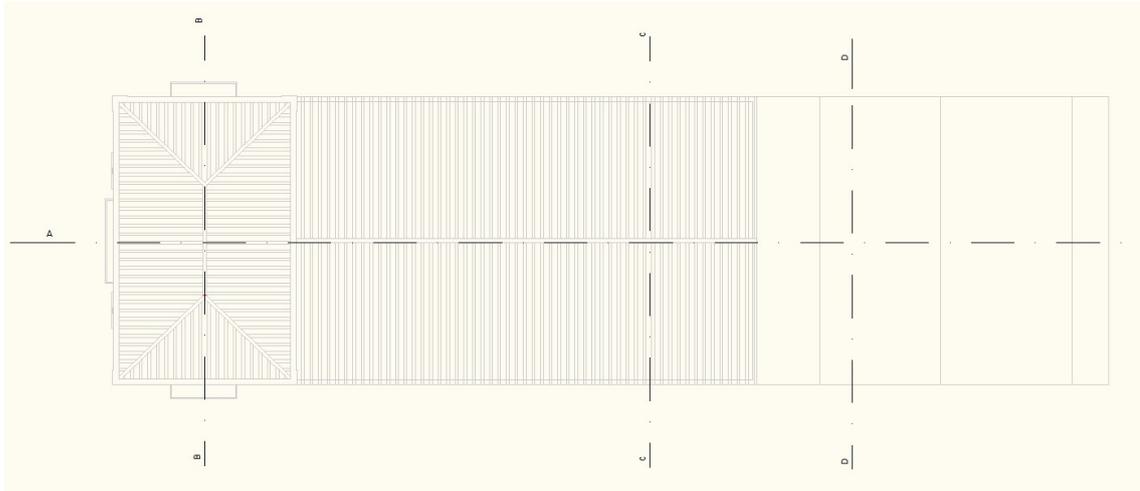


figura 102 | Planta geral da proposta. Cobertura

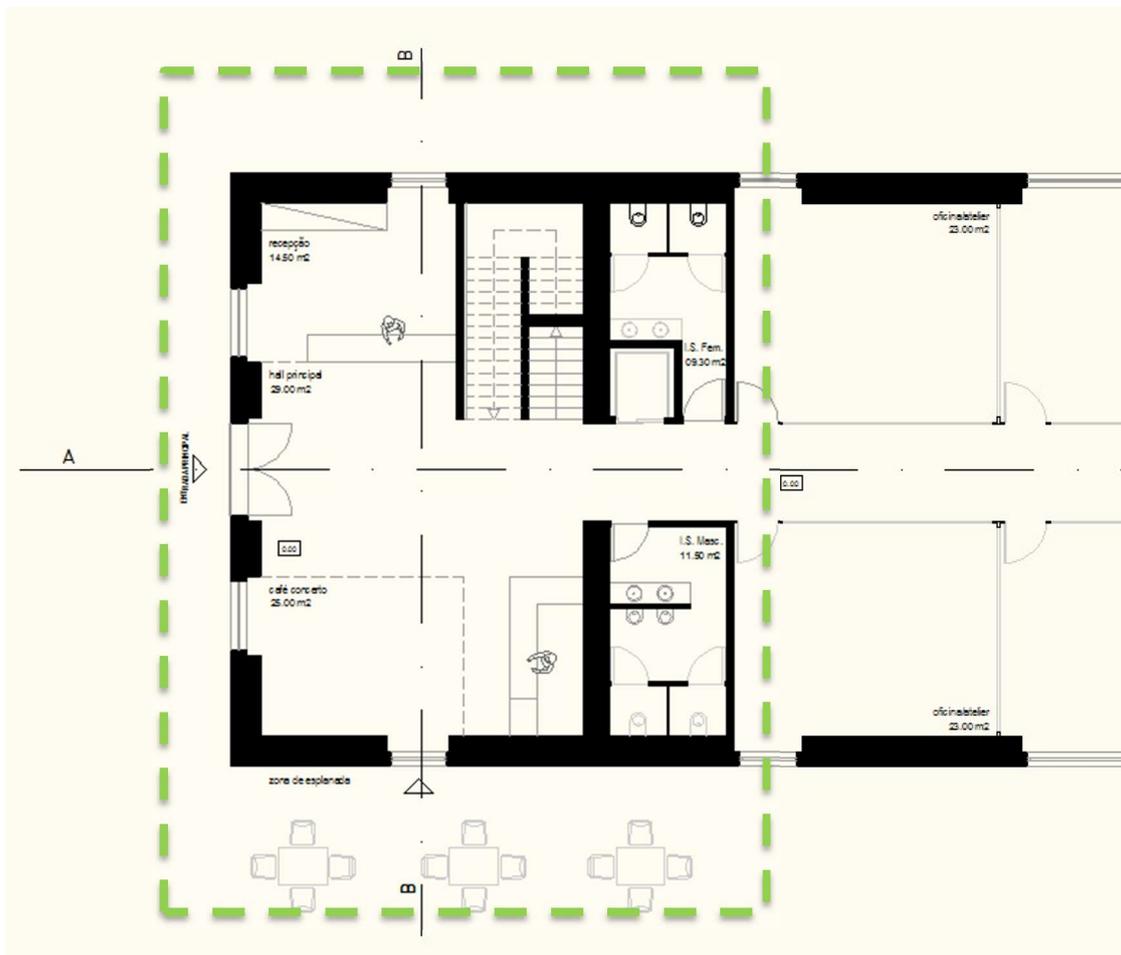


figura 103 | Volume principal. Piso 0

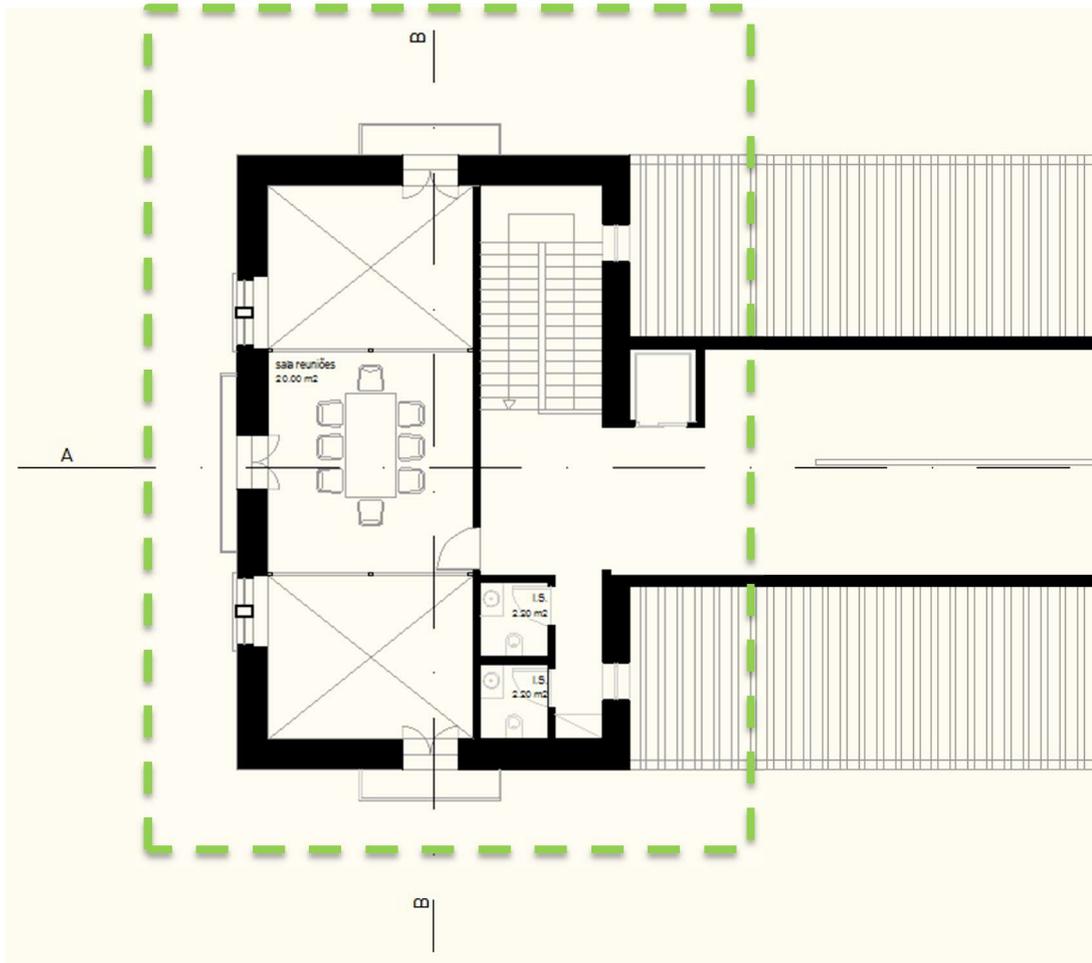


figura 104 | Volume principal. Piso 1

Voltando ao piso 0, a nível central, na zona de “hall”, temos um pé direito simples, cuja tensão é superior aos espaços contíguos, o que nos indica, inconscientemente, um espaço de passagem, de percurso, e que nos precipita para o volume seguinte, um volume secundário, do tipo “nave industrial”, onde estão instalados os espaços individuais de ateliers/oficinas criativas. Toda a oferta criativa fixa está instalada neste volume.

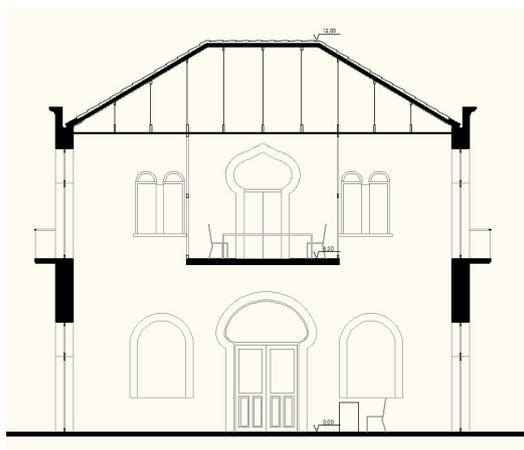


figura 105 | Volume principal. Corte transversal

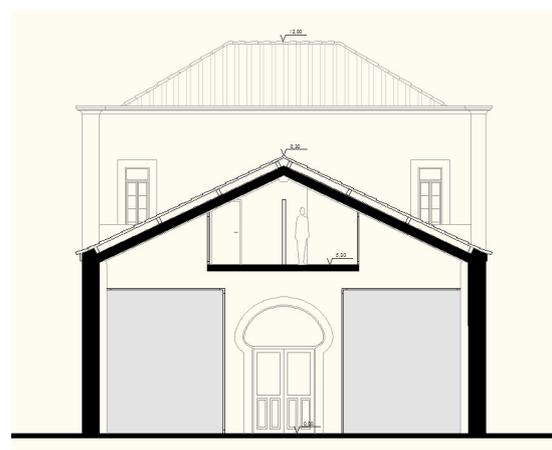


figura 106 | Volume secundário Corte transversal

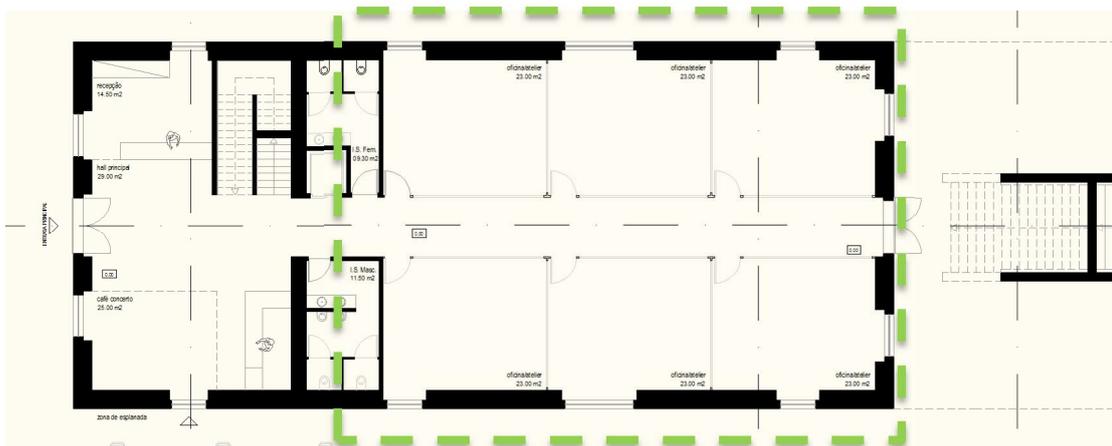


figura 107 | Volume secundário. Piso 0

Ainda neste volume, ao nível do piso 1, é feita uma ligação, desde o volume principal, a sul, até ao novo volume proposto, a norte. Esta ligação, um “corredor” com cerca de vinte metros de comprimento, cinco metros de largura, e contacto visual privilegiado para os ateliers instalados no piso de baixo, aproveitado a “promenade” inerente, proporciona um espaço expositivo com cerca de 98m².

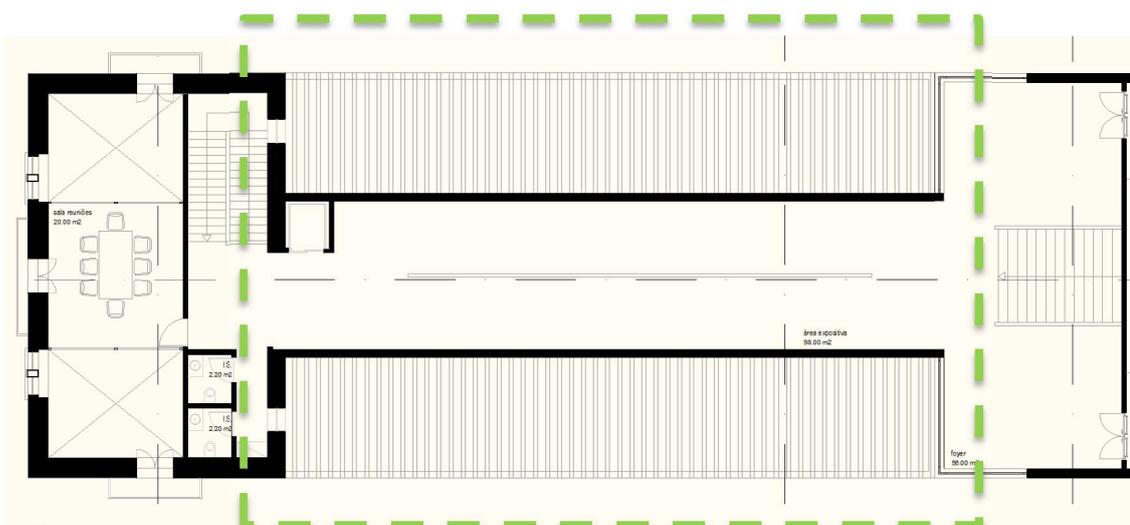


figura 108 | Volume secundário. Piso 1

No volume novo, a norte, tal como já referido, é proposto um pequeno auditório / “black box”, para mostras e apresentações, conferências e eventos, reuniões alagadas, “brainstorming”, etc, com cerca de 116,00m² e 126 lugares disponíveis, precedido de um “foyer” com cerca de 56m², onde impera a luz natural, o que proporciona amplitude e “descompressão” a este espaço. Houve a intenção de integrar este volume, dando continuidade ao edifício existente, embora com uma materialidade diferente e uma separação física bem definida, com um vão de 2,5m de largura, aproximadamente, entre o novo e o “velho”.

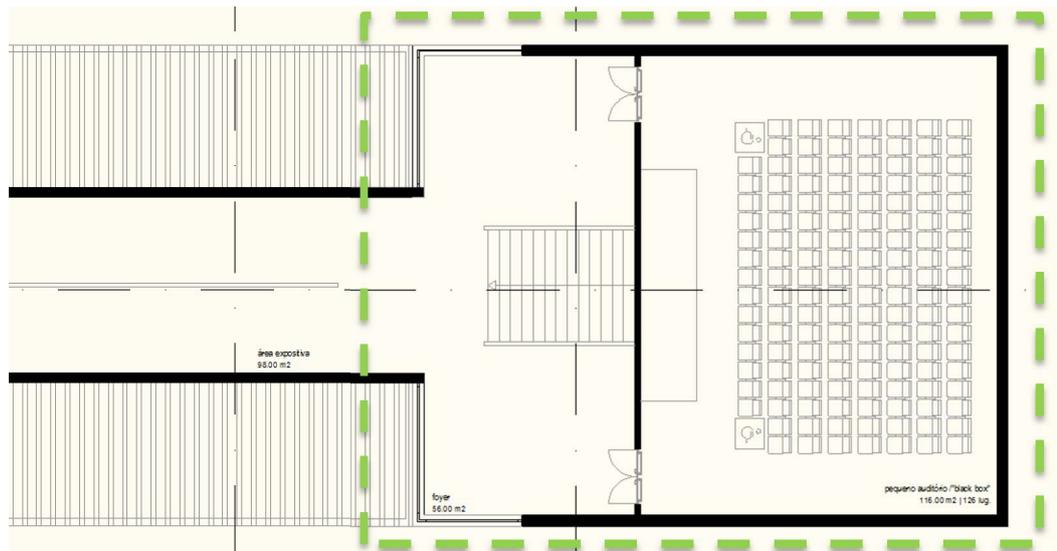


figura 109 | Volume novo. Piso 1

O acesso a este volume pode ser feito através do espaço expositivo atrás referido ou por uma escadaria directa ao “foyer”, que tem origem no plano inferior ao auditório, ao nível do piso 0, a qual é ladeada por dois panos de betão paralelos, os quais, além de confinarem o acesso em causa, também sustentam a totalidade do volume agora proposto. Desta forma, é libertado o piso térreo para atravessamentos pedonais e acesso directo, a norte, à zona de ateliers o que, juntamente com um pequeno espelho de água, aligeira o peso “monolítico” deste volume, criando a ilusão que o mesmo flutua sobre a folha líquida proposta.

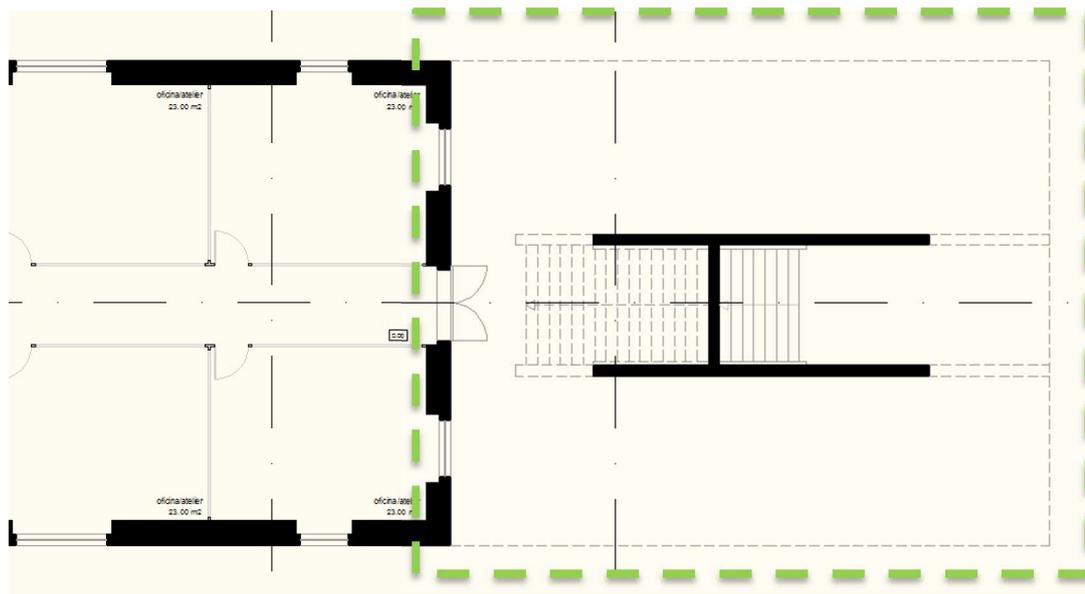


figura 110 | Volume novo. Piso 0

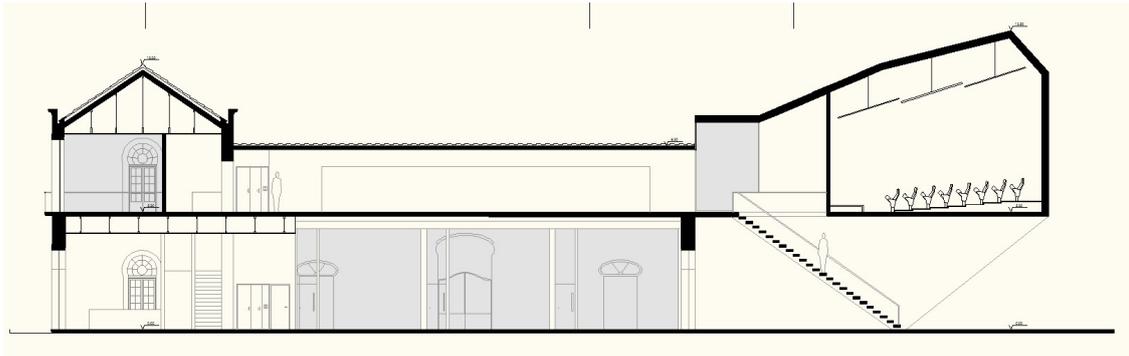


figura 111 | Proposta geral. Corte longitudinal

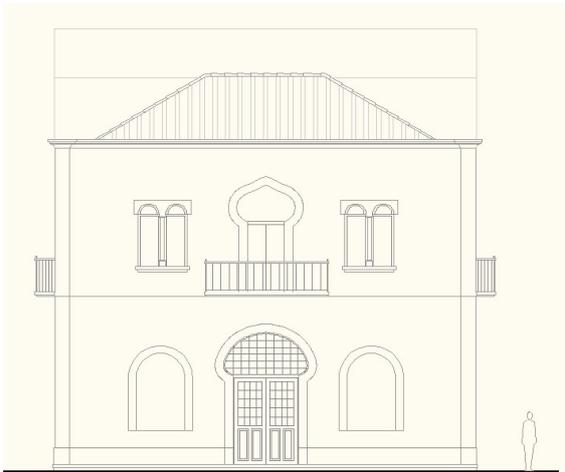


figura 112 | Proposta. Alçado sul

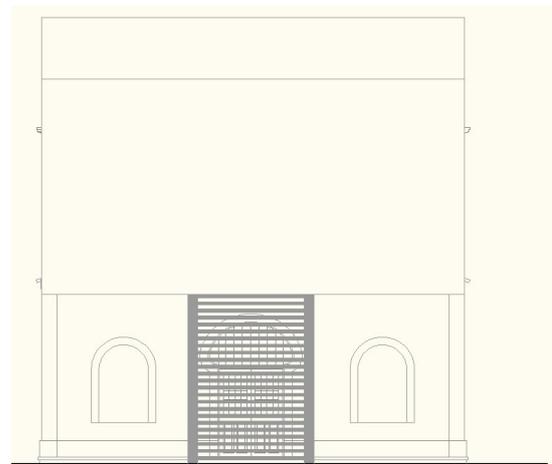


figura 113 | Proposta. Alçado norte

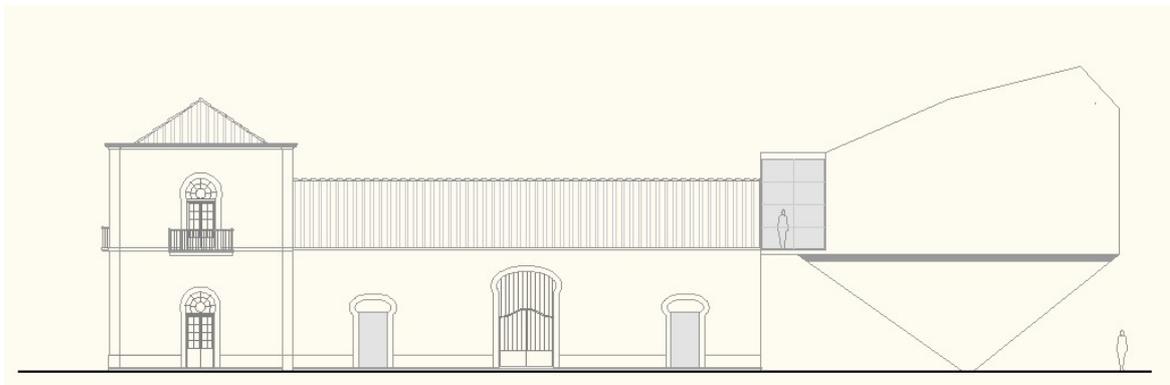


figura 114 | Proposta. Alçado nascente

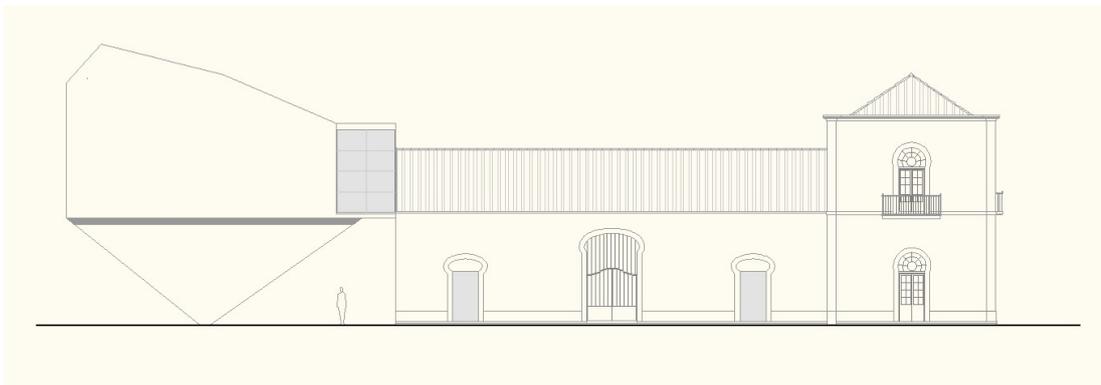


figura 115 | Proposta. Alçado poente

4.3 | Intervenção na envolvente

No exterior do edifício da antiga Lota também são propostas algumas alterações urbanas, numa tentativa de recuperar a dignidade, não só do edifício em si mas também da envolvente onde este se insere. O principal objectivo passa por recuperar a vitalidade de outrora, minimizando barreiras, fomentando as deslocações em modos suaves e criando espaços de permanência e de vivência continuada, sem interrupções amorfas ou carentes de dinamismo. A área de intervenção é limitada a nascente pelo Rio Arade, a poente pela Rua Serpa Pinto, incluindo o Largo F. Maurício, a sul pela Praça Manuel Teixeira Gomes e a norte pelo Largo de São José.



figura 116 | Área de intervenção . Existente

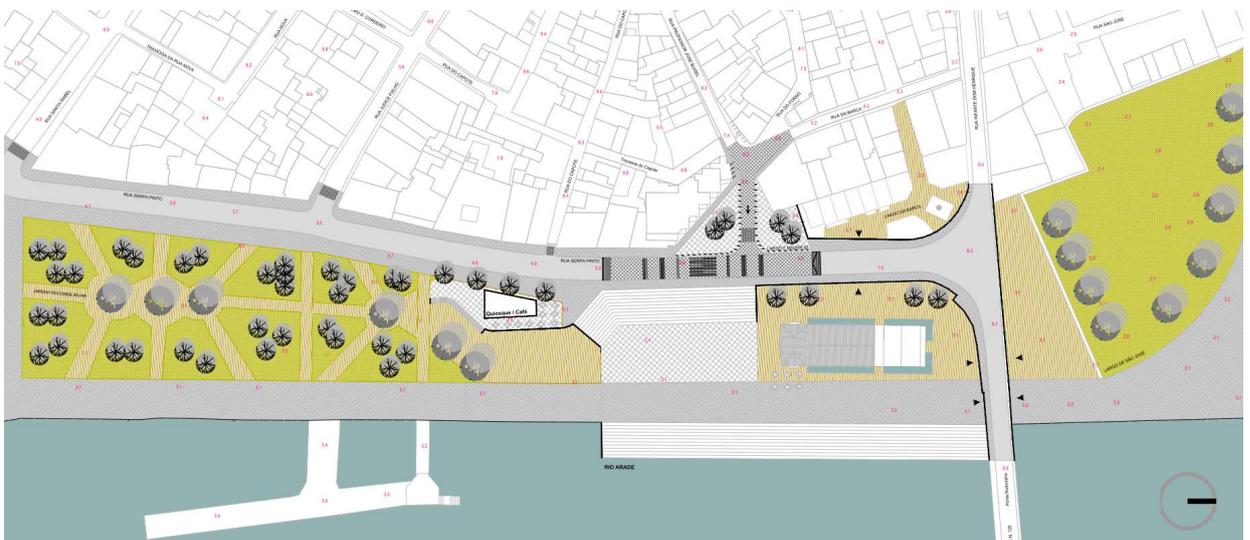


figura 117 | Área de intervenção. Proposta

A Rua Serpa Pinto, paralela ao Rio Arade, face ao elevado fluxo rodoviário que absorve, apresenta-se como uma enorme barreira física na ligação entre a zona ribeirinha e o centro histórico da cidade. Por este motivo, são aumentadas as dimensões dos passeios ao longo desta via, promovendo uma circulação pedonal mais livre e segura, ao mesmo tempo que com a redução das faixas de rodagem é criada alguma tensão e conseqüente redução da velocidade de circulação.

Propõe-se igualmente um aumento, uma continuidade para norte, do jardim Visconde Bivar, ampliando a “mancha verde” que tem início na Praça Manuel Teixeira Gomes. Naturalmente, a fracção já existente deste jardim seria alvo de remodelação e melhoramento, criando-se, em conjunto com a ampliação referida, um espaço de recreio e permanência, capaz de combater a aridez que caracteriza, actualmente, toda a zona ribeirinha de Portimão.



figura 118 |Jardim Visconde Bivar. Proposta

De referir que, tanto o aumento do jardim Visconde Bivar como a criação de um quiosque/ café, a norte deste, são possíveis graças à eliminação do pequeno parque de estacionamento aí existente. É assim dissipada a tensão que o mesmo provocava, ao mesmo tempo que a parcela de urbe em causa é totalmente devolvida à população. Os lugares de estacionamento eliminados neste local bem como todos os que proponho eliminar, no âmbito da totalidade da intervenção, referidos mais à frente, são disponibilizados, por exemplo, no parque subterrâneo existente no Largo 1º de Maio, a cerca de 250m.

Na zona de café/quiosque, que se pretende criar a norte do jardim Visconde de Bivar, começamos a deparar-nos com uma diferença topográfica considerável, entre a Rua Serpa Pinto e toda a zona ribeirinha, até ao rio arade, que se vai acentuando à medida que caminhamos para norte, em direcção à antiga Lota. Tirando vantagem da mesma, optou-se por instalar este equipamento na “plataforma” com cota superior, dotando-o de uma vista privilegiada para toda a envolvente, nomeadamente para o jardim Visconde Bivar, para o rio Arade, para o alçado principal da Lota Creative Factory e, não menos agradável, para a ponte rodoviária, com a estrutura treliçada que a caracteriza. Será um local que complementa a oferta que encontramos no café concerto previsto no edifício da antiga Lota, este mais virado para o exterior e para a leitura, uma vez que se pretende um quiosque dotado de uma oferta literária bastante rica, quase uma mini biblioteca. Foi prevista, a sul, uma pequena escadaria para vencer o desnível já referido. Na plataforma a nível inferior, onde se prevê uma continuidade do pavimento em travessas de madeira tratada que já podíamos encontrar nos percursos previstos dentro do jardim, a montante. Nesta plataforma poderão acontecer actividades lúdicas de carácter familiar, e não só.

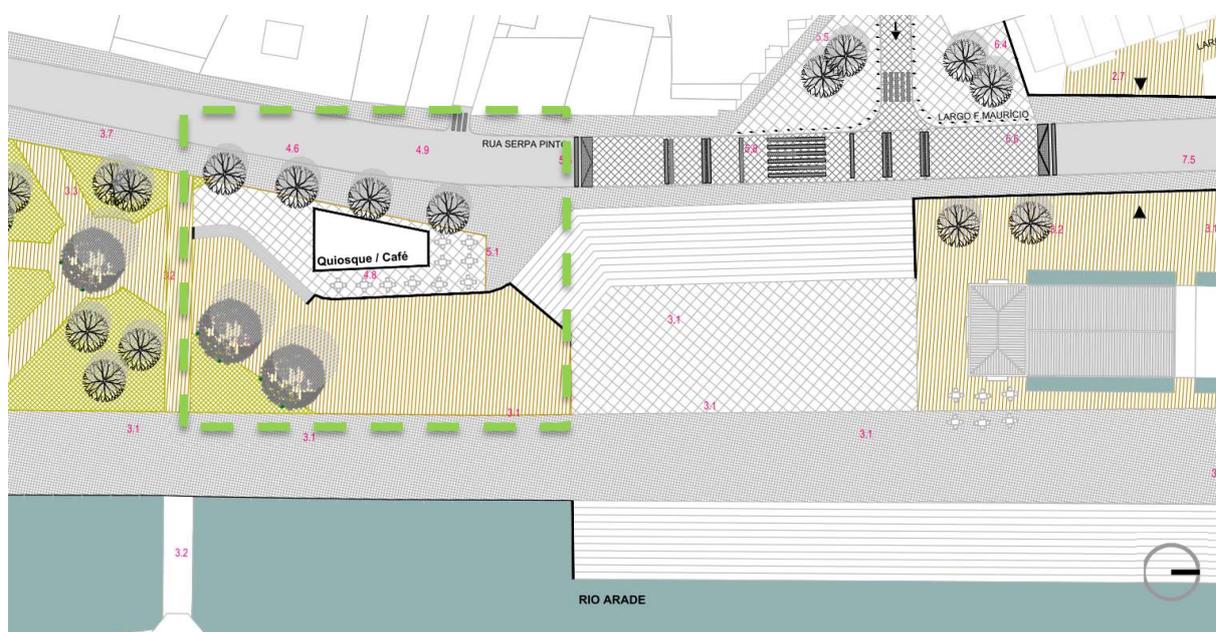


figura 119 | Zona de quiosque/café. Proposta

Também o Largo F. Maurício será alvo de remodelação. As duas vias anteriormente existentes passam a uma única, com as dimensões mínimas necessárias, e com sentido de circulação de ponte para nascente, ou seja, melhorando o “escoamento” dos automóveis para fora do centro histórico. Os lugares de estacionamento aí existentes serão eliminados, criando duas “bolsas” com pavimento mais regular,

composto por lajetas de sienito de Monchique e algumas espécies arbóreas. Desta forma, elimina-se grande parte da poluição, principalmente visual, que esta situação provoca, ao mesmo tempo que se “desafoga” o largo em causa, promovendo um convite aos transeuntes que se deslocam no centro histórico para que “desçam” até à Lota Creative Factory, e vice-versa, fomentando movimentos dinâmicos entre estas zonas da cidade. Seria um “corredor” prioritário para os fluxos pedestres expectáveis. Também o pavimento na rua Serpa Pinto, ao longo desta zona de atravessamento, é alterado. Substituindo o pavimento betuminoso que o caracteriza na sua totalidade, nesta zona, temos uma área elevada, de nível com os passeios a nascente e poente, em calçada grada de sienito de Monchique, o que constitui uma zona de acalmia ao tráfego rodoviário. Toda esta alteração, será ainda complementada com uma passeadeira de dimensões generosas.

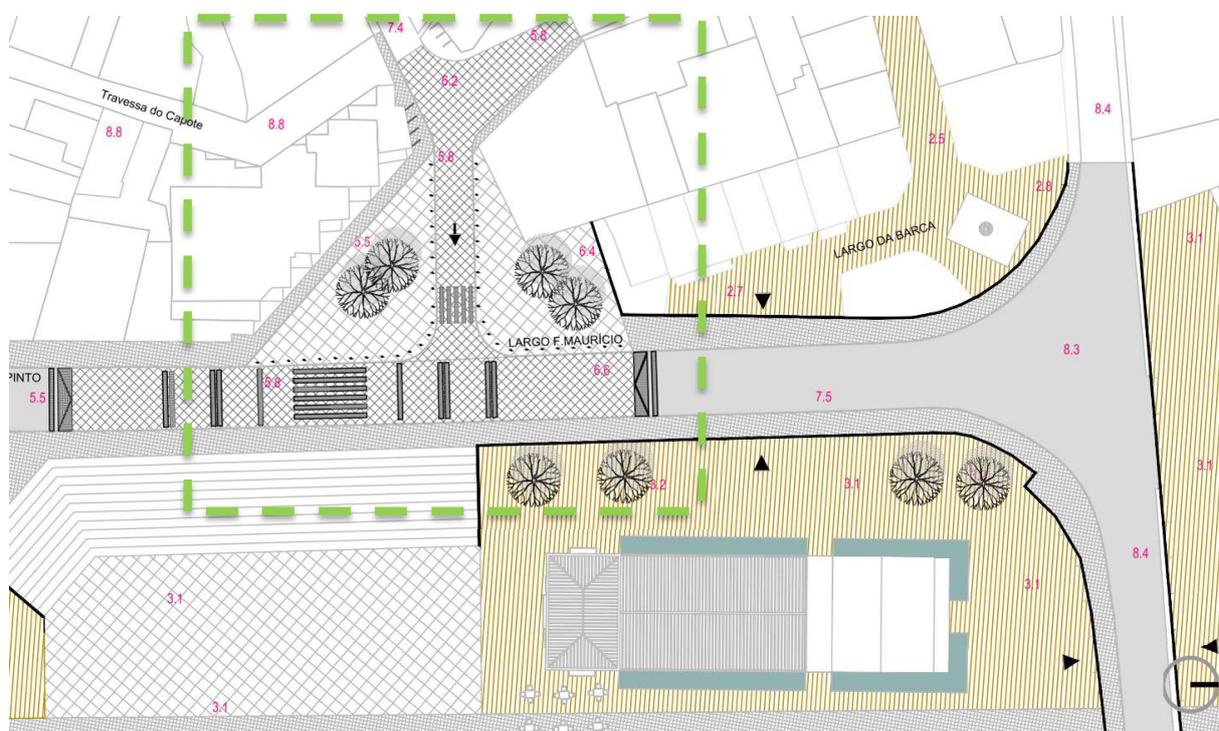


figura 120 | Largo F. Maurício. Proposta

Na continuidade, para nascente, do largo F. Maurício, atravessada a Rua Serpa Pinto, deparamo-nos com o contraste topográfico já referido. Aqui, propõe-se alterar a pequena escada de acesso ao patamar ribeirinho, com uma diferença de cota, em média, próxima dos 2,5m, através de uma escadaria monumental, cujo cobertor terá cerca de um metro. Desta forma é criado mais um espaço de permanência, como que um teatro grego que aproveita o declive do terreno, e nos permite contemplar o rio, a envolvente, e todas as mostras performativas e instalações culturais que deverão ocorrer no espaço inferior, um espaço que se quer um pouco intimista, servindo-se do cenário que o rio e o alçado sul da Lota Creative Factory proporcionam, enquanto pano

de fundo. Neste espaço, através da aplicação de um pavimento diferenciador dos espaços contíguos, em lajetas de sienito de Monchique, é invocada a memória do antigo Mercado do Peixe que existia neste preciso local. Mais, aquando das manifestações culturais previstas para este “palco”, serão recriadas, as dinâmicas do passado, ocorridas outrora no decurso da comercialização dos produtos do mar, contrastando com a desertificação e inactividade verificada aquando do desaparecimento deste equipamento.

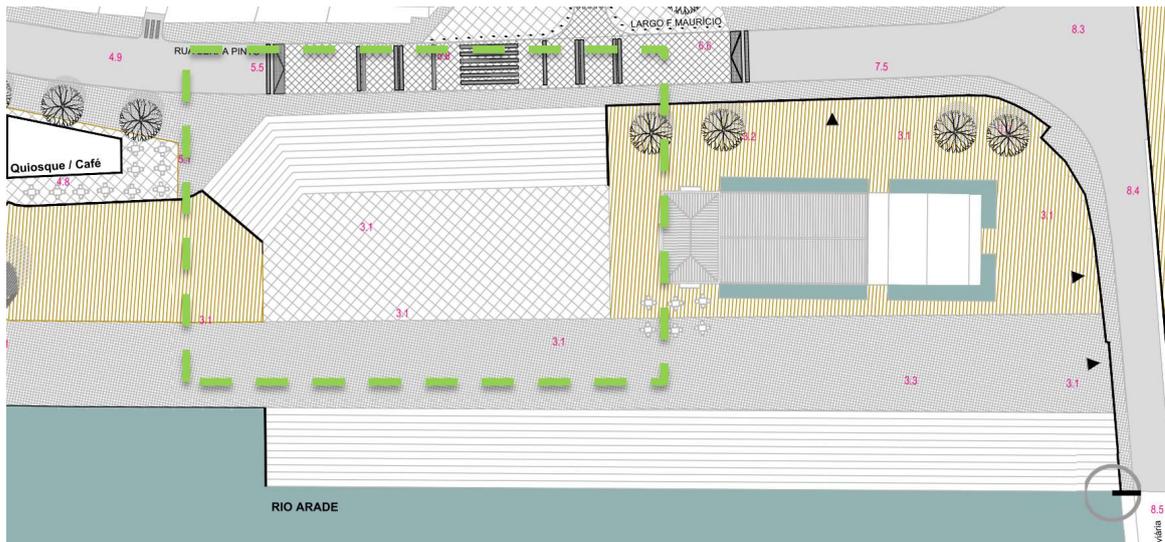


figura 121 | Zona de “anfiteatro”. Proposta

Com características semelhantes, em escadaria suave com cobertor de dimensões generosas, é também proposta uma bancada, um miradouro de contemplação orientado para o rio, que o invade e o traz de volta à cidade. Desta forma, é estreitada a relação entre o rio e a cidade permitindo permanecer e desfrutar de uma proximidade ímpar com a sua beleza e relaxamento consequente. Mais um contributo para a fixação e majoração de dinâmicas na envolvente da Lota Creative Factory.



figura 122 | “anfiteatro” à beira rio. Proposta

Na envolvente da Lota Creative Factory é proposto, novamente, um pavimento em travessas de madeira tratada, diferente do existente nos limites vizinhos, por forma a “devolver” este espaço ao edifício da antiga Lota, o qual já lhe havia pertencido no passado. Inconscientemente, os utilizadores sentem que estão a invadir um espaço “privado”, que não pertence ao espaço público, pela simples mudança de material e de contexto urbano. Naturalmente, estamos igualmente em espaço público mas este pertence à “Lota”. O pavimento em madeira, juntamente com o espelho de água referido anteriormente, confere a este espaço a leveza e grandiosidade que se impõe para contrastar com o peso arquitectónico do conjunto de volumes que albergará a nova função deste edifício.

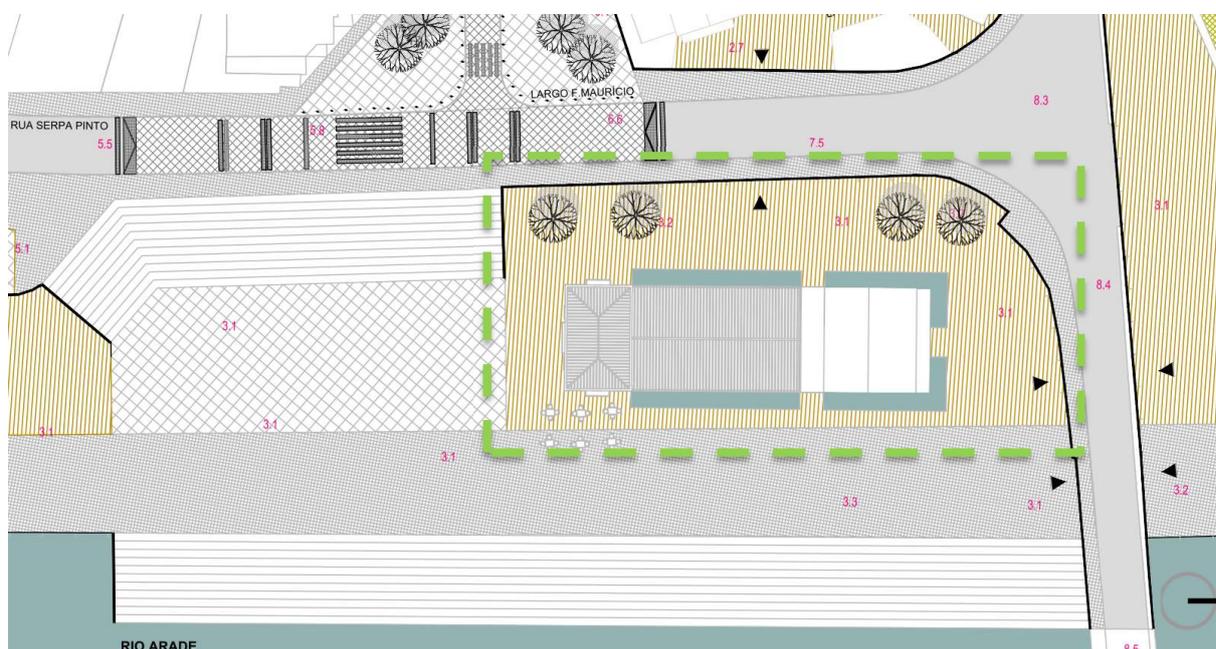


figura 123 | “anfiteatro” à beira rio. Proposta

Também para ponte, ao longo da passagem pedonal inferior à Rua Serpa Pinto, que converge para o Largo da barca, e para norte, ao longo da passagem pedonal inferior à ponte rodoviária, que liga com o Largo de São José, foi considerado o mesmo pavimento, em madeira tratada, para que, além de uma continuidade física, seja alavancada uma continuidade emocional e de percurso que permita ultrapassar estas duas barreiras físicas, as quais, caso contrário, poderão travar os fluxos dinâmicos que se pretendem para este pedaço de urbe. O paredão a norte da antiga Lota também será “recortado”, de acordo com a estrutura da ponte rodoviária, abrindo novos vãos, que poderão ser percorridos pedonalmente, maximizando a permeabilidade entre a envolvente mais próxima deste edifício e o Largo de São José, a norte.



figura 124 | passagens inferiores para Largo da Barca e Largo de São José. Proposta

O Largo de São José, a norte da ponte rodoviária, também será alvo de intervenção. Considerou-se eliminar a circulação automóvel e os lugares de estacionamento correspondentes, transformando esta área num espaço verde de excelência que convida á permanência e ao ócio. Assim, o elemento natureza será o responsável pela continuidade desejável de percurso e fenomenologia, interrompida pela enorme barreira física que é a ponte rodoviária e o que representa em toda a frente ribeirinha de Portimão.



figura 125 | Largo de São José. Proposta

4.4 | Sistema construtivo e materiais

Relativamente aos volumes a manter, nomeadamente o volume principal e o volume secundário ou “nave industrial”, a norte do primeiro, serão apenas realizados trabalhos de reparação e limpeza, quer na cobertura quer nas paredes e reboco existente, com posterior pintura geral na cor branca de acordo com o original. O sistema estrutural também será mantido, considerando-se o seu reforço caso se verifique necessário aquando da intervenção. Estamos, naturalmente, a falar apenas da “casca” dos volumes uma vez que todo o interior será alvo de reformulação geral. Face ao avançado estado de degradação, todas as caixilharias e envidraçados deverão ser substituídos por materiais cujas especificações técnicas e durabilidade cumpram as exigências técnicas e normativas do presente, ao mesmo tempo que mantém o design original do conjunto. No que concerne à eficiência térmica e acústica e no seu melhoramento, em busca de maior conforto nestes dois campos as placas de aglomerado de cortiça expandida (ICB), aplicadas pelo interior, o que se aconselha no presente caso, são um bom produto de reabilitação, ideal para uma construção sustentável, e bastante vantajosas pela rapidez e facilidade de aplicação e pelo reduzido espaço que ocupam.

Os interiores terão como base uma estrutura em betão armado, à exceção do “corredor” previsto no piso 1 do volume secundário que será materializado em estrutura metálica, apontando para o ambiente fabril do passado. As lajes de pavimento, do volume principal, serão revestidas com isolamento térmico do tipo aglomerado de cortiça prensada, e recebem mosaico hidráulico com estereotomia reinventada a partir da existente anteriormente. O pavimento do volume secundário será em microbetão por se tratar do local mais “industrial “ e “operacional” do conjunto. A compartimentação dos espaços, será conseguida com recurso a paredes de gesso cartonado o que assegura a reversibilidade da intervenção. Exceção, novamente, a nave secundária cuja compartimentação dos ateliers será assegurada através de panos de vidro totalmente transparentes, promovendo, não só, a amplitude do espaço geral como a troca e experimentação visual entre criativos.

O volume novo, a norte, pela sua geometria monolítica, como um rochedo, será totalmente em “betão à vista” e pavimento em microbetão, conferindo o aspecto que a fotografia em baixo reporta, exceptuando o revestimento exterior que será em painéis HPL para fachada, do tipo TRESPA Meteon Lumen, na cor preta.

Além do “choque” geométrico e formal, cujo objectivo já foi referido nos subcapítulos anteriores, é minha convicção que, também, um choque cromático será uma mais-valia para atingir os objectivos pretendidos.

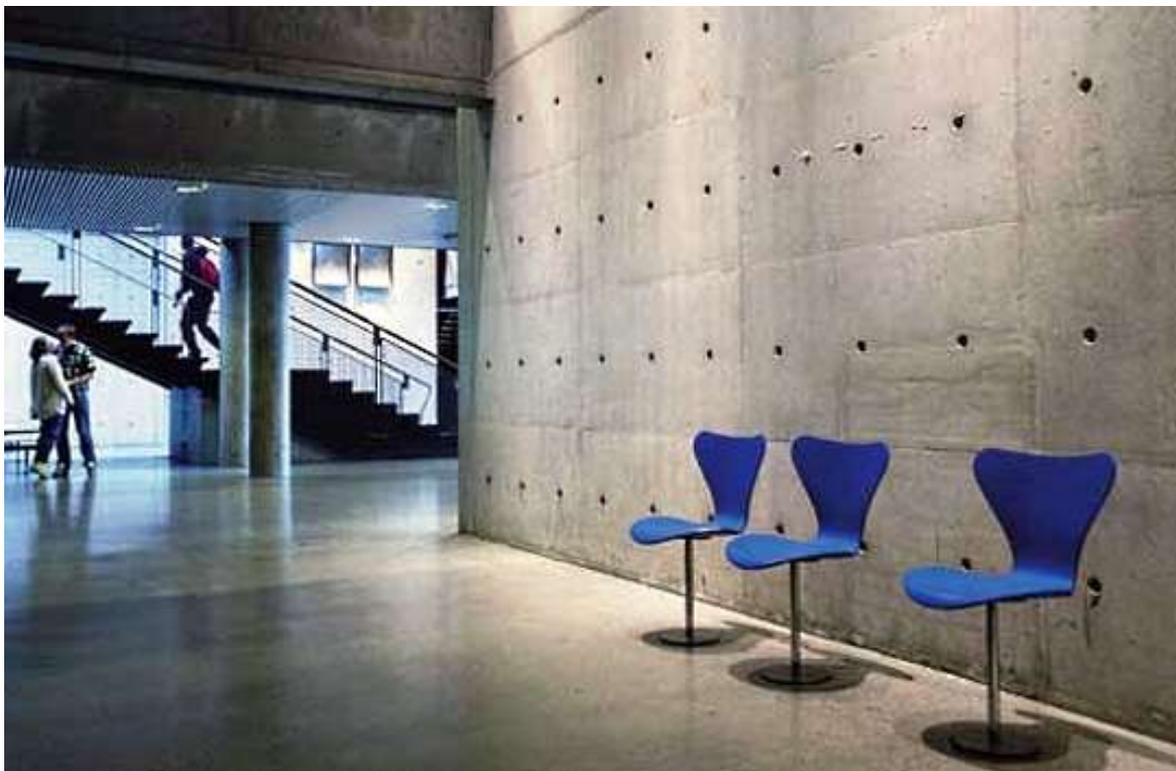
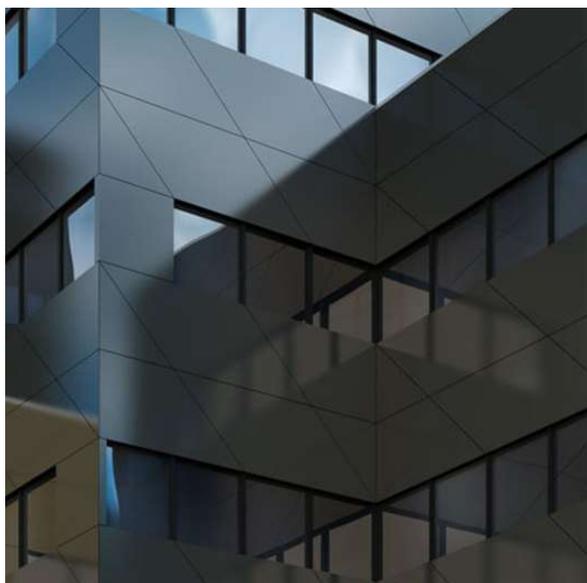


figura 126 | ambiente interior pretendido no volume novo.



figuras 127 e 128 | aplicação de placas HPL, do tipo TRESPA Meteon Lumen

CAPÍTULO V: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a explanação que agora termina, ficou claro que o principal objectivo desta dissertação foi desenvolver um factor impulsionador para uma revitalização do centro histórico de Portimão, através da reabilitação de um edifício emblemático na cidade, introduzindo um novo programa funcional, assente na cultura e criatividade, articulando o existente com uma nova volumetria que estabeleça um diálogo de equilíbrio e continuidade com o edifício original. Este bloco criativo de base cultural funcionará como um ponto centralizador que comprometido com a cultura e o valor social potenciará o *genius loci* local.

No paradigma actual de globalização, os centros históricos enfrentam imensos problemas de desertificação e abandono, que têm como base principal o constrangimento na adaptação da vivência contemporânea nestes locais, levando a baixas condições de competitividade para com o restante tecido urbano. Perante esta realidade, importa dotar estas zonas das cidades com infra-estruturas que sejam um foco dinamizador e diferenciador da cidade, ao mesmo tempo que se recupera o edificado degradado e devoluto cada vez mais frequente.

Felizmente, nos tempos recentes tem-se verificado um abrandamento desta tendência, com vários casos de sucesso em estratégias idênticas à agora proposta para a cidade de Portimão. Além dos exemplos apresentados nos capítulos atrás, temos muitos mais, dentro e fora de Portugal, o que me faz acreditar que a revitalização do centro histórico de Portimão pode, efectivamente, começar por aqui. Importa, no entanto, que esta intervenção nunca provoque uma perda de autenticidade e identidade local.

Sem dúvida que o mundo criativo e cultural assume hoje em dia um papel de extrema importância no que diz respeito à criação de emprego, aumento de qualidade de vida e promoção das cidades, desta forma torna-se um factor de competitividade fundamental para o seu posicionamento no que diz respeito à competitividade económica e capacidade de reerguer o seu património, cultura e edificado.

5.2 | Bibliografia

- BARRA, Santos. Recortes de imprensa. Câmara Municipal de Portimão, 1980;
- BARREIRA, Maciel (2009). O objecto arquitectónico como modelador do espaço envolvente. Tese de Mestrado, Universidade da Beira Interior
- BENEVOLO, Leonardo. História da cidade. Editora Perspetiva, São Paulo, 2005, 1ª ed. 1976;
- CARRAPIÇO, Francisco José. As muralhas de Portimão. Câmara Municipal de Portimão, 1974;
- DELGADO, Maria Joana. A Requalificação Arquitectónica na Reabilitação de Edifícios. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, 2008;
- DUARTE, Maria João Raminhos. Portimão – Indústrias conserveiros na 1ª metade do século XX. Edições Colibri;
- GOITIA, Fernando Chueca. Breve história do urbanismo. Editorial Presença, Lisboa, 1982;
- INÁCIO, Nuno Campos. Portimão, cidade com história. Arandis Editora, 2012;
- KEA (2006) The Economy of Culture in Europe, <http://www.keanet.eu/ecoculture/studynew.pdf> [consult.em Novembro 2016]
- LYNCH, Kenvin. A imagem da cidade. Edições 70, Lisboa, 2011;
- MASCARENHAS, Jorge. Sistemas de construção: XIII – Reabilitação urbana. Livros Horizonte, 2012;
- MOLA, F. Z., & Serrats, M. (2010). Eduardo Souto de Moura Arquitecto. Bertrand Editora.
- NUNES, Joaquim António. Estudos algarvios – Portimão. Casa do Algarve, 1956;
- OLIVEIRA, Ataíde. A Monografia de Alvor, Vila Real de Santo António, Emp. Litográfica do Sul, S.A. 1993;

- PINHO, Ana Cláudia da Costa. Conceitos e Políticas Europeias de Reabilitação Urbana: Análise da experiência Portuguesa dos Gabinetes Técnicos Locais. Tese (Mestrado), Faculdade de Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2009.
- RODRIGUES, Maria João Madeira; SOUSA, Pedro Fialho e BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira. Vocabulário técnico e crítico de arquitetura. Quimera, 4ª Edição, 2005;
- ROSSI, Aldo. A Arquitetura da cidade. Cosmos, Lisboa, 2001;
- SILVANO, Filomena – Antropologia do espaço – Celta Editora – Edição 2001;
- TÁVORA, F. (2008). Da Organização do Espaço. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.
- TENGARRINHA, José. Portimão e a Revolução Republicana, Portugal, Texto Editores Lda, 2010;
- VENTURA, Maria G. M. e MARQUES, Maria G. M. Cidades e vilas de Portugal - Portimão. Editorial Presença, 1993;
- VIEIRA, José Gonçalves. Memória monográfica de Portimão. Empresa Litográfica do Sul, 1996;
- VIEIRA, José Gonçalves. Memória monographica – Villa nova de Portimão. Typographia Universal, 1991;